

P. o. hisp.

506

-2-

P.O. hisp. 506 - 2

Almeida



**BIBLIOTHECA  
REGIA  
MONACENSIS.**

**<36636367630012**

**<36636367630012**

**Bayer. Staatsbibliothek**





*P. o. hisp.*

**OBRAS POETICAS**  
**DE**  
**NICOLÃO TOLENTINO**  
**DE ALMEIDA.**

---

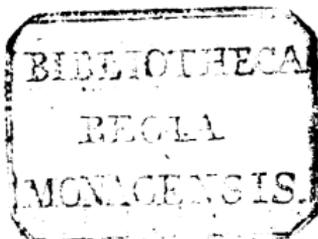
**T O M. II.**

---

**L I S B O A ,**  
**NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.**

**ANNO M. DCCCI.**

*Com licença da Meza do Desembargo do Paço.*





## QUINTILHAS

*Offerecidas ao Illustrissimo, e Excellentissimo  
Senhor Conde de S. Lourenço.*

**A**Nte vós, Claro Senhor,  
Que ponde os sãos cuidados  
De bons estudos no amor,  
E que d'homens applicados  
Sois o exemplo, e o protector;

Levanto sem pejo a voz;  
Que essa alma nunca despreza  
O pouco que encontra em nós;  
Não produz a Natureza  
Muitos homens como vós;

Pois vi outr'ora amparado  
 O discreto, e doce Brito,  
 Triste moço, em flor cortado,  
 Que hia allevantando o espirito,  
 De vossas luzes guiado;

Pois na vida lhe adocastes  
 De seu fado a má ventura;  
 E não vos envergonhastes,  
 Quando a fria sepultura  
 Com as lagrimas lhe honrastes;

Se os seus Versos sonorozós  
 Inda repetís com mágoa;  
 E pensamentos saudozós  
 Vos trazem aos olhos água,  
 Que os deixa, Senhor, formozos;

Hoje, outro triste vos faça  
 Nascer iguaes sentimentos;  
 Com os vossos pés se abraça;  
 Não tem os mesmos talentos;  
 Mas tem a mesma desgraça;

Nascido em baixa pobreza,  
 Quiz buscar huma Colu'na;  
 Foi sempre baldada a empreza,  
 Achou ingrata a fortuna,  
 Inda mais, que a natureza.

Em vão paternal ternura  
 Com vivo zêlo me assiste;  
 Foi trabalho sem ventura;  
 Crescia no Filho triste,  
 Com a idade, a desventura;

Das boas Artes no estudo  
 Bom Pai empenhar-me quiz;  
 Traçava o velho sizudo  
 Que fosse hum Filho feliz  
 Dos outros Filhos o esseudo;

Forão seus intentos vãos;  
 Zombou desgraça importuna  
 Destes pensamentos sãos;  
 Para vencer a fortuna  
 Não ha lagrimas, nem mãos;

Cor-

Cortado então de agonias,  
 Só esperei ter ventura,  
 Quando envolto em cinzas frias  
 Escondesse a sepultura  
 Meu nome, e meus tristes dias;

E em quanto o vento forceja,  
 E no mar, que em flor rebenta,  
 Meu fraco lenho veleja,  
 Demando, em tanta tormenta,  
 Por porto a Casa de Angeja;

Surgi em lugar seguro,  
 Onde achei mil acolhidos;  
 Clareou o dia escuro;  
 E meus molhados vestidos  
 Pelas paredes penduro;

De meu fado a força dura  
 Foi hum pouco enfraquecendo;  
 E ainda que em sombra escura,  
 Vem-me ao longe apparecendo  
 O bom rosto da Ventura;

Vof-

Vossos Sobrinhos me dão  
 (Porque de meus mates sabem)  
 Principios de protecção;  
 Mandai-lhe que em mim acabem  
 Esta obra da sua mão.

Mandai, que apressem o passo,  
 Que inda longe a méta vejo,  
 Pois nas supplicas que faço,  
 Não se vence com dezejo,  
 Vence-se á força de braço;

Mandai, pois tendes direito,  
 Que o turvo mar arrostando,  
 A' corrente ponhão peito;  
 Fallai, Senhor, que em fallando,  
 O vosso mandado he feito.

Não vedes venal incenso  
 Por astuta mão queimado;  
 Fallo, Senhor, como penso;  
 Eu sei quanto he respeitado  
 O Erudito São Lourenço;

Eu

Eu fei bem o alto conceito,  
E as geraes estimações,  
Que todos de vós tem feito;  
Oijo ternas expressões,  
Filhas de amor, e respeito;

Do bom Irmão, e Sobrinhos  
Oijo tod'ora louvar-vos;  
Oijo-lhes doces carinhos;  
De poderem agradar-vos  
Dzeção achar caminhos;

Vosso Irmão, e pregoeiro  
Ordena, como fizudo,  
Ao Illustre Neto, e Herdeiro,  
Que das Sciencias no estudo  
Vai dar o passo primeiro,

Se encolte a vós, sem desvio,  
Qual ao Choupo Hera silvestre;  
Que em Artes, virtude, e brio,  
Mais, do que as regras do Mestre,  
Siga os dictames do Tio;

Com

Com que gosto oiço , e contemplô ,  
 Dizer-lhe = Se ao bem te inclinas ,  
 Segue-o no estudo , e no Templô ;  
 Elle te dê as doutrinas ;  
 Elle te sirva de Exemplo.

Mas sigo inutil empreza ,  
 Pois sabeis quaes são seus peitos ;  
 Mistura-se esta fineza  
 Com os sagrados direitos  
 Do sangue , e da natureza ;

Todo o mundo , em vosso abono ,  
 Põe na boca os corações ,  
 E delles vos chama dono ;  
 Oiço mil acclamações  
 Desde a plebe até ao Throno ;

A geral estimação  
 Nos arma de authoridade ;  
 Vinde pôr nesta obra a mão ,  
 E dai-me felicidade ,  
 Como me dais instrucção ;

Sa-

Sabeis a fundo , e de côr ,  
Tudo quanto ha bom , escrito ;  
Juntai extremos , Senhor ;  
Ao homem mais erudito ,  
Juntai o mais bemfeitor .

Pois sabeis da Antiguidade  
Prozas sans , e sã poczia ,  
Deveis sentir mais piedade ;  
Quem tem mais filozofia ,  
Vê melhor a humanidade :

Que eu nesta fresca espedura ,  
Entre estes Loiros sagrados ,  
Sentado sobre a verdura ,  
Cantarei Versos limados  
A quem me fez ter ventura .

Deixarei em mil letreiros  
O vosso Nome entalhado  
Nos troncos destes Loureiros ;  
Possa elle ser respeitado  
Do negro vento , e chuveiros ;

Ra-

Ramos sobre elle estendendo,  
Dafne no seu peito o tome;  
E eu, doces hymnos tecendo,  
Verei ir o tronco, e o Nome  
Té ás Estrellas crescendo.



## QUINTILHAS

*Offerecidas ao Illustrissimo, e Excellentissimo  
Senhor Marquez do Lavradio.*

**S**E os Versos, que outra ora fiz  
Escutastes prompto, e attento;  
E se aos pés, que abraçar quiz,  
Achou grato acolhimento  
A minha Muza infeliz;

Dai-me benignos ouvidos  
A outros, em dôr traçados,  
D' arte, e de enfeite despídos;  
Pela verdade dictados,  
E a vós, Senhor, dirigidos;

Em louvores não os fundo,  
Pois fei que sempre os pizastes;  
E co'as mais acções confundo  
As do tempo, em que tomastes  
As rédeas do Novo Mundo;

Mas

Mas se eu disser parte dellas,  
Não me julgueis lizonjeira;  
Que vos poupo em não dizellas?  
Se vedes, que o Mundo inteiro  
As vai erguendo ás Estrellas?

Diz que vão à Capital  
Cheia de pompa, e grandeza;  
E que a ergueis a lustre tal  
D'entre os braços da molleza,  
Que he no Clima natural.

Que nas mãos, onde se encerra  
Alto Poder, respeitozo,  
Mostrastes na nova Terra  
Ao Vizinho revoltoso,  
N'uma a paz, em outra a guerra.

Que offreceis á vida então  
Para a palavra salvar-se,  
Que os bons Reis não dão em vão;  
Acção digna de contar-se  
Entre as de Mario, ou Catão;

Que

Que a mão que as Quinas voltêa,  
 Justiça ao Povo reparte;  
 E que igualmente menêa,  
 Ora as Bandeiras de Marte,  
 Ora as Balanças de Astrêa;

Mas já vossa austeridade  
 Minha narração reprime;  
 Ouvís-me contra vontade;  
 Perdoai, Senhor, hum crime,  
 De que foi causa a verdade;

Pois que vos não dão desvelos  
 Louvores, que préza a gente,  
 Eu vou, Senhor, suspendellos;  
 E vou dar-vos novamente  
 Motivos de mercellos.

A minha longa fadiga  
 Já sabeis qual he, Senhor;  
 Levai-me a bem, que a não diga;  
 Deixai-me poupar a dôr  
 De abrir huma chaga antiga.

Pintar Irmãos desgondadas  
Co' as creanças innocentes.  
Nos débeis braços alçadas,  
E de lagrimas ardentes,  
Quasi sem fructo, banhadas.

Mostrar-lhe os olhos magoados,  
Onde inutil pranto assiste,  
Immoveis no chão pregados,  
Nutrindo hum silencio triste,  
Falsa paz dos desgraçados ;

Contar-vos, que entre os Irmãos,  
Diz o bom Pai, com ternura,  
Que ao Ceo levantem as mãos ;  
Que assim se emenda a ventura,  
E não com queixumes vão:

Que he do espirito fraqueza  
Perder suspiros no vento ;  
Que venção a natureza ;  
Que fação co' soffrimento  
Honroza a dura pobreza ;

Não

Não lhe ver de dor finais ;  
Ter no rosto olhos serenos ,  
E no peito agudos ais ;  
Que porque se escutão menos ,  
Por isso me córtão mais :

Dar-vos huma inteira idéa  
Da desgraça minha , e delles ,  
Pintura de pranto chêa ;  
Se he precisa , he para aquelles ,  
A quem não dóe dor alheã .

As almas tão bem nascidas ,  
Como a vossa vejo fer ,  
Para serem condoídas ,  
Não tem precizão de ver  
Correr sangue das feridas ;

Sabeis , que soffro a impiedade  
De vã fortuna traidora ;  
Mudai pois de heroicidade ;  
Vinde pleitear agora  
A cauza da humanidade ;

Por vós tirar não podeis  
Penas, que a alma me abafarão;  
Mas ante o Throno valeis;  
E se o Sceptro vos fiarão,  
Que vos negarão os Reis?

Reger-lhe os vastos Estados,  
Ir dar-lhe hum novo esplendor,  
São feitos famigerados,  
Mas inda o será maior.  
Ir pedir por desgraçados,

Disse a Cezar o Orador,  
Que os Saldados tinham parte  
No perigo, e no louvor;  
Que fosse em outro Estendarte  
Elle só o Vencedor;

Que era, de doce brandura  
O deixar-se então vencer,  
Mór victoria, e mais segura;  
Onde não tinham poder  
Nem ferro, nem má ventura.

Vencei vós sem ter Soldados;  
 Fazei de dias de dor  
 Dias bemaventurados;  
 E possa essa mão, Senhor,  
 Mais do que podem meus fados;

Claros Avós imitastes,  
 Que o Mundo apenas abrange;  
 No berço palmas achastes;  
 Dos Heróes que vio o Gange,  
 O fangue, e as acções herdastes;

Remotos Povos vencerão,  
 E mares bravos abrindo;  
 As Quinas desenvolverão;  
 Ante elles o Gange, e o Indo,  
 Tintos de fangue correrão.

Vós, que em obras semelhantes  
 Fostes feita a Cópia honroza  
 Do que elles fizerão d'antes,  
 Na série maravilhôza  
 Das vossas acções brilhantes;

Consenti, que a larga historia,  
Que Almeida's levanta aos Ceos,  
Lhes deixe no Altar da Gloria  
Pendente, entre os mais Troféos,  
Huma negra Palmatoria.



*A' Illustrissima, e Excellentissima Senhora  
Condeça de Tarouca, na occasião do  
seu Casamento.*

**S**enhora, o Forte da Estrella,  
Chorando o bem que perdeo,  
Das suas justas faudades  
Por portador me escolheo;

Quiz que eu viesse contallas  
Ao som desta rouca Lyra,  
De longos annos afeita  
A acompanhar quem suspira;

Não fallo nos ternos Pais;  
Nelles a alta Jerarquia  
Tempéra faudozo pranto  
Com o pranto da alegria;

**As**

Ao nome dos seus Passados  
Planos caminhos acharão,  
Unindo ao sangue de Heróes  
O sangue de Heróes que herdarão;

Não fallo no amavel Conde;  
Esse não faz compaixão;  
Tem seges, tem bons cavallos,  
Tem o remedio na mão;

Sobre rápidos ginetes,  
Quebrando a dura calçada,  
Com o Francisco a reboque,  
Andará sempre na estrada;

Tambem das caras Irmans  
Não venho as mágoas pintar;  
Co' a terna Mãe muitas vezes  
As virão desafogar;

Fal-

Fallo da triste Família ,  
Que em amoroza mania  
Accuza o Ceo , que vos deo  
Formozura , e Fidalguia ;

Dons , de feu mal cauzadores ;  
E que deixão coroados ,  
Na mais illustre Conquista ,  
O mais ditozo Soldado ;

Ralham delle a toda hora ;  
Foi cauza do feu tormento ;  
Elogião , e praguejão  
Seu alto merecimento ;

Se he Soldado , siga a Guerra ,  
E as funestas glorias della ;  
Ataque milhões de Fortes ,  
Mas deixe em paz o da Estrella ;

Tem

Tem figura, tem talentos;  
Tem alta Estirpe preclara;  
Oxalá que assim não fosse,  
Ella então o despezára; =

Mas, Senhores, perdoai-lhes;  
A's vezes na grande dor  
Fallão palavras de raiva,  
A linguagem de amor;

O Silva, o Authomato honrado,\*  
Anda mais abstracto, e mudo;  
Põe o doce antes da sôpa;  
Queima o Café, quebra tudo;

O hirsuto, austero Rodrigues,  
Semblante de poucas pazes,  
Desafoga a sua dor,  
Dando murros nos rapazes;

Vof-

---

\* Copeiro.

Vossa Aya, de tres idades,  
Em canto escuro assentada,  
Vos manda calado pranto,  
N'um cobertor abafada.

Outras vezes esquecida  
De quanto feu Fado he crit,  
No queixo ajustando o lenço,  
E sobrepondo o bajú :

Ergue ao ar cansados ossos ;  
E sem temer ventos frios,  
Tirando-lhe Amor o pezo  
Dos gelados pés tardios ;

Do bom costume enganada,  
E com a uzada cautela,  
Para dar, e ter, bons dias,  
Vos vai abrir a janela ;

A janela a desengana ;  
Renova-lhe a dor no peito ;  
Chama em vão o vosso nome ,  
Abraçando hum ermo leito .

Do peito das mais Creadas  
A faulade se não risca ,  
Desde as Ayas ralhadoras ,  
Té á ladina Francisca .

E pois que o sangue de Reis ,  
Pois que a Augusta Ceremonia ,  
Bem a pezar das Creadas ,  
Vos trouxe a Santa Apollonia ;

Ide , Senhora , mil vezes  
Curar-lhes a fresca chaga ;  
Seu pranto he filho de amor ,  
E amor com amor se paga ;

Na

Na rica, airoza Berlinda,  
Dando ao digno Esposo parte,  
Aos patrios lares vos leve  
Amor nos braços de Marre.

O Téjo, abaixando as ondas,  
Vossos pés virá beijar;  
Vai das Ninfas que creou,  
Ver a Ninfa Tutelar.

Os Prazeres com os Rixos  
Sejão a vossa equipagem;  
Revôem em torno as Graças,  
De quem fois a inveja, e a imagem :

Entrai nos tectos dourados,  
Hoje lugar de saudade;  
Ide, dos braços do Amor,  
Lançar-vos nos da Amizade;

Le-

Levai-nos as doces noites,  
Em que a voz que se escutava,  
Sobre as azas da harmonia,  
Nos nossos peitos entrava;

Quando o Cómico travêllo,  
Entre geitos, e corcovos,  
Habilmente arremedava  
Todos os Muzicos novos,

O triste, calado Cravo;  
Já não sente a dextra mão;  
Apenas he perseguido  
Pelo Senhor Dom João. \*

Ide, Senhora, levar-nos  
No vosso rosto a alegria;  
Fazei á triste Junqueira,  
O que faz o Sol ao dia;

**Mas,**

---

Menino.

Mas, Senhora, a minha Muza  
Tem talvez errado os Cultos;  
Cuidando ter feito obsequios,  
Talvez tenha feito insultos;

Dirão, que, trocando as cordas  
Forão meus sons desiguaes;  
Que errei em fallar aos Filhos,  
Sem fallar primeiro aos Pais.

Que podia esta Embaixada  
Se désse em mais habil mão,  
Cumprir as leis da Saudade,  
Sem violar as da razão;

Mas, Penalvas, dito, dito;  
Defendo o meu sacrilegio;  
Sois tudo, mas não sois Noivos,  
E he este o seu privilegio.

No

*No dia dos Annos da Illustrissima, e  
Excellentissima Senhora D. Maria de  
Noronha; hoje Condeça de  
Valladares.*

**S**enhora, os pobres vestidos  
Do vosso humilde Compadre,  
Não o deixão ir aos Annos  
Da sua Illustre Comadre;

O conhecido Colete  
De bordadas guarnições,  
Encartado ha longo tempo  
Em Colete das Funções;

Sobre os seus cançados annos,  
De humido Inverno affaltados,  
Cheio de invenciveis manchas  
Me foi hoje apresentado;

**Em**

Em vão bemfeitor miôlo  
Lhe esfrega o quarto offendido;  
A minha choroza Mana  
Dá o cazo por perdido;

E se assim me apresentasse  
A tão alta Companhia,  
As suas nódoas ferião  
Manchas da seda, e do Dia;

Do Tempo a foice raivoza  
Não me dá só hum revéz;  
Além de me fazer velho,  
Faz-me tambem descortez;

Mas elle honrou hoje o Mundo;  
Sois do Mundo ornato, e inveja;  
Deo hoje mais huma paga  
A' Illustre Caza de Angéja.

Sua mão, que aperfeiçoa  
Altos dons da Natureza,  
A huns lindos, modestos olhos  
Vai augmentando a belleza;

Altêa a airoza figura  
Sobre a das Graças moldada;  
A huina alma a mais digna, e nobre  
Dá a mais digna morada;

Justo Tempo, eu abenço  
O teu poder desigual;  
E em honra de tantos bens,  
Eu te perdo o meu mal;

Cem vezes nas tuas azas  
Nos mande este dia o Ceo;  
As Virtudes o consagram  
Nos altares de Hymenêo.

E Vós, Illustré Senhora,  
Perdoai Coletes rotos;  
Valem mais, que inuteis sedas,  
Puro incenso, puros votes;

Quiz mandallos em bons versos;  
Suou em vão meu topete;  
Fui achar a minha Muza  
Como achei o meu Colete.



*A Illustrissima , e Excellentissima Senhora  
Marqueza de Alegrete , quando lhe  
nasceo huma Filha.*

**S**ENhora , he couza sabida ,  
Que aos Deozes não são vedados  
Os escondidos segredos  
Do escuro livro dos Fados ;

E pois que em tempos antigos  
Já tive alguma valia  
Co' aquelle , a quem coube em forte  
O governo da Poezia ;

Não esperando do Tempo  
O vagarozo progresso ,  
E desejando augurar-vos  
O vosso feliz successo ;

Na raiz do alto Parnazo,  
Curvando o humilde joelho,  
Exclamei = Se aqui se escutam  
Votos de hum Poeta velho,

Não te peço, esquivo Apollo,  
Teus verdes, sagrados louros;  
Não aspirão a coroas  
Desta testa os velhos coiros;

Abre, sim, a densa nevoa  
Do vindoiro tempo escuro;  
E ante meus ávidos olhos  
Rasga as sombras do futuro;

Saiba meu justo desejo  
Quanto o destino promette  
Aos nossos ardentes votos,  
E aos da affustada Alegrete;

O Deos, que nunca em mini vio  
De Odes moiras a mania,  
Que sem o assumpto honrarem,  
Lhe deshonrao a Poezia;

Que em Oiteiros de Oratorio  
Nao lhe puz a Lyra ao frio,  
Arriscando-a a ter por paga  
Ou pedrada, ou assobio;

E muito mais porque vio,  
Que da minha peticao  
Erao sagrados motivos  
A amizade, e a gratidao;

Fez fuzilar em meus olhos  
Nova luz, vedada, e pura;  
E de tudo o que entao vi,  
Vos vou fazer a pintura.

Vi, Senhora, as loiras Graças  
Com doce, e rizonho aspeito,  
Tecendo engenhozas danças  
Em torno de hum aureo leito;

E abrindo as ricas Cortinas  
Trazerem nos castos braços  
O digno, e precioso Fruto  
De Illustres, sagrados laços.

Sobre o mimoso semblante,  
Em que os seus dons inspiravão,  
Dos mais altos Pertendentes,  
Mil suspiros auguravão;

Os Prazeres sobre as azas  
O berço lhe rodeavão;  
Fortuna lhe abria os cofres,  
As Virtudes a embalavão;

Vi Penalvas, vi Angejas,  
Que aos Ceos mil hymnos mandavão ;  
Aos Ceos, que as duas Familias  
Novamente abençoavão :

Vi a roda das Creadas,  
Que á Menina dando vai,  
Humas, os olhos da Mãi,  
Outras, a boca do Pai ;

Mas Apollo aqui fechando  
As altas ccuzas futuras,  
E deixando o pobre velho  
Alegre, mas ás escuras ;

Me disse = Conta o que viste ;  
O mais, em tempo vindoiro,  
Fiel, a pura da historia,  
O dirá em letras de oiro ;

Cor-

Corri: mas trémulas pernas  
Tem sempre estrada comprida;  
E pois acho a profecia,  
Graças aos Ceos, já cumprida,

Beijo respeitadamente  
Estas faixas, que envolvêrão  
Aquella, a quem dão a vida  
Os que a minha protejêrão;

= Recebe, oh Recem-nascida,  
Terno amor, alto respeito;  
Teus Avós, teus claros Pais  
Te dêrão este direito;

E tu, Formosa Alegrete,  
Que depois de erguida a meza,  
Ficavas co' as velhas Aias  
De mágicos filtros préza;

Quan-

Quando eu a teus pés contava;  
Mentirozo historiador,  
Ora a do Caixão de vidto,  
Ora a das Cidras do amor;

Quando os mesmos tentos annos  
A tua Filha contar,  
Todos os dias virei  
Meu officio exercitar;

E em tanto, a pezar do tempo,  
Que a fronte me vai gelando,  
Com a rouca Lyra ás costas  
Pelo Parnazo trepando :

Vou sentar-me entre os Loireiros,  
Que réga Castalia fria;  
Onde revóam em bandos  
Os genios da Poezia;

E

E co' a testa descuberta  
A' viração bemfeitora,  
Traçarei mais dignos versos  
Do que estes, que ouvis agora;

Com tempo os irei fazendo;  
O Deos também me fez ver,  
Que sobre este mesmo assumpto  
Tenho muito que escrever.



*Na*

*Na occasião em que o A. bia ver  
o Varatojo.*

**M**Eu Amigo, duro Amigo,  
Fatal, rívido Banqueiro,  
Motivo dos meus pezares,  
Herdeiro do meu dinheiro;

Em taes termos me deixaste,  
Que sou deste rancho o nôjo;  
E co' as lagrimas nos olhos  
Parto para o Varatojo;

Por ti filho da pobreza,  
Irei fer naquelle mato,  
Qual foi São Sebastião,  
Não na vida, mas no fato;

Vai

Vai tu seguindo a fortuna,  
E leva a bandeira alçada,  
De tarde na laranginha,  
A' noite na Arrenegada;

Até que voltando a roda,  
Mande teu fado inimigo,  
Que deixes crescer as barbas,  
E venhas viver comigo:

Vem, e traze o teu baralho,  
Ministro dos meus destroços;  
Farei do vicio virtude,  
Apontando a Padres nossos;

Vem viver entre altas brenhas;  
Vem curtir as minhas dores;  
Traz o pranto dos Parentes,  
Traz as praças dos Créditos.

Não

Não falla vão Agoureiro,  
De cujas palavras rias;  
Meus trabalhos me fizeram  
Mestre nestas profecias.

Não te fies em ventura;  
Quem joga, tem o meu fim;  
Outrem te dará os gostos,  
Que tu me tens dado a mim.



Re-

*Resposta a huma Carta , que em boa Poezia  
citava o A. por huns Versos , que  
tinha promettido.*

**A** Tua polida Carta ,  
Que honrou hum Poeta razo ,  
Escrita em pura linguagem ,  
E assignada no Parnazo ;

Da mais injusta ambição  
Traz testemunhos fieis ;  
Possues grossos thezoiros ,  
E citas-me por dez reis ?

Quem do doce Anacreonte  
Bebeo o estilo divino ,  
Quer prostituir seus olhos  
Co' as Trovas do Tolentino ?

Pa-

Pago , em fim, divida louca ;  
Mas quem quer pontualidade ,  
Cuide tambem em pagar  
As dividas da Amizade ,

Sabes que intento imprimir ;  
E porque o Povo não fuja ,  
Sabio Amigo , emenda , risca ,  
Põe sabão na roupa suja ;

Não te vendo falso incenso ;  
Es Juiz da Confraria ;  
Oxalá que altos negocios  
Se tratassem em Poezia ;

A Paz , a fugida Paz ,  
Voltára seu alvo cóllo ;  
E dera brandos ouvidos  
A' branda Lyra de Apollo ;

Re-

Reziste humana cabeça  
A' mais discreta razão ;  
Mas ao poder da harmonia  
Não reziste o coração :

Faze , pois , o que eu te peço ;  
Que inda que ha vótos diversos ,  
Se lhe pões a tua lima ,  
Quem morderá nos meus Versos ?

Dá-lhe , depois , teus louvores ;  
Comprará toda Lisboa ,  
Se huma vez te ouvir dizer =  
Que comprem , que a Obra he boa ;

Farta-me a bolsa ; e se queres  
Ver tambem minha alma farta ,  
Manda riquezas de Athenas  
Embrulhadas n'outra Carta.

Of-

*Offerecendo hum Perum em caza , e onde  
todos os Domingos davão ao A.  
este prato.*

**S**Enhora , tambem hum dia  
Entrarei co' a frente erguida ;  
Não farei na vossa meza  
Dependente toda a vida ;

Nem sempre abatido pejo  
Dirá nesta cara feia  
Quanto doe a hum peito ativo  
Matar fome em caza alheia ;

Airozo , gordo Perum ,  
He meu soberbo prezente ;  
Traz inda as pennas molhadas  
Co' pranto da minha gente ;

No

No Santo Dia esperavão,  
Quebrando antigo jejum,  
Cravar inexpertos dentes  
Neste primeiro Perum;

A rãssa; magra Jozefa, \*  
Ergueo queixume sentido;  
Custou-lhe mais esta auzencia,  
Que a do defunto Marido.

O loiro; alvar galleguinho  
Chegou aos olhos seu trapo;  
Tinha vistas sobre a carne,  
E muitas mais sobre o papo.

Seu almôço requerendo  
Em luzindo a madrugada,  
Na esquerda, grossa fatia  
D'ambas as partes barrada;

Na

---

Creada.

Na dextra, com branda cana  
O seu pupilo guiava ;  
Em terras, públicas malvas,  
Para si o apascentava ;

Quando lhe mandei trazer-vos  
O bom companheiro seu,  
Pedindo-me côxos mezes,  
Me disse, que o trouxesse eu.

Eu o trago ; a offerta he pura,  
Mas a tenção a envenena ;  
Traz escondida huma uzura,  
Maior, que a da meia fena. \*

Com hum forrizo accetai  
O atraídoo convite ;  
Vem a morrer huma vez,  
Porque muitas refuscite.

---

\* Partido de jogo.

Curai todos os Domingos  
A minha doença interna ;  
Sobre a meza milagroza  
Seja esta ave, huma ave eterna ;

De outra, que finge a Poezia ,  
Trocai em verdade a pêta ;  
E seja hum negro Perum  
A Fenis deste Poeta ;

Na ondada, pia toalha ,  
Co' a benção da vossa mão  
Seus frios, despídos ossos ,  
De carne se cubriráó ;

Consenti, que este ouco peito  
Ao prodigio se consagre ;  
E que dentro em si colloque  
A mór parte do milagre ;

Quan-

Quanto ao Padre Prégador, \*  
Meu voto he não convidallo;  
Porque ha de comer o assumpto,  
Muito melhor que prégallo.



*A huma Preta , que pertendia que  
a obsequiassem.*

**D**omingas , de balde queres ,  
Nesse canto da Cozinha ,  
Vencer a invencivel teina  
Da rebelde carapinha ;

Em vão te arripia a frente ,  
De que zomba o Deos de Amor ,  
Alvo côto de pomada ,  
Furtado do Toucador ;

De balde tufado laço  
De atadeira fitta Ingleza  
Te assombra a lêveda pôpa ,  
Rissada por natureza.

De.

Debalde altêas as ancas ,  
Esguias, e enganadoras ,  
Co' as velhas algibeirinhas ,  
Que vão deixando as Senhoras ;

Amor, fingindo dotar-te ,  
Te poz, com traidora mão ,  
Junto dos dentes de neve ,  
Faces tintas de carvão ;

Inda que ancião pezado ,  
Desprêzo teus vãos intentos ;  
Debaixo de murchas cans  
Nutro altivos pensamentos.

Vejo a quebrada madeixa  
Já tornada em gêlo frio ;  
Tudo o tempo me levou ,  
Mas não me levou o brio.

De-

Debaixo da Zona Ardente  
Jurar-te-hia amor, e fé;  
Mas não tem culto na Europa  
As Deidades de Guiné;

Se ás vezes te ponho os olhos,  
Não he de amor final certo;  
São dezejos de levar-te  
A' caza de João Alberto. \*

A engomada cazaquinha  
Te descobre novas faltas;  
Para outro corpo foi feita,  
Dizem-no as feições mais altas.

Já n'outros pés teus çapatos  
Soffrêrão do tempo o açoite;  
Cansada, fendida sêda,  
Mostra dedos côr da noite;

**E**

---

\* Comprador.

E pois que a Amor queres dar-te,  
Eu te aponto hum Xafariz,  
Onde aches dignos amantes  
Assentados em barris ;

Acharás o Pai Francisco,  
Homem a bulhas contrario,  
Já duas vezes Juiz  
Na Irmandade do Rozario ;

Acharás o forro Antonio,  
Que o tabaco, e vinho enjôa ;  
E tem nos calmosos Junhos  
Caiado meia Lisboa ;

Verás esbelto Crioilo,  
Dado ao vento o peito nú,  
Levantando airozos saltos  
No manejo do bambú ;

Que

Que ávidos cães enxotando,  
Tem, com braço arregaçado,  
Nas êrmas praias do Tejo  
Cem cavallos esfolado;

Nestas, vaidosa Domingas,  
Assenta bem teu amor;  
Chovão settas de teus olhos  
Em peitos da tua côr;

Vai da janella da escada  
Acolher, com doce agrado,  
Os suspiros que te envião,  
Ao som do londum chorado;

E deixa de atormentar-me  
Com tuas loucas idéas;  
Tambem sinto dores proprias,  
E escuto pouco as alhéas;

Sim,

Sim, Domingas, nós marchamos  
Na mesma infeliz estrada;  
E do amor, que eu te não pago,  
Assaz estás bem vingada;

Tu puzeste em mim teus olhos,  
E eu fui pôr em Marcia os meus;  
Que me paga mil extremos,  
Assim como eu pago os teus;

Marcia, que em alçando os olhos,  
Mil settas nesta alma crava;  
E em cuja caza tu tens  
A dita de ser escrava;

Tens-me a mim por companheiro;  
Temos o mesmo Senhor;  
Tu, por cazos da fortuna,  
Eu, por castigo de Amor;

**E**

E pois que eu não posso amar-te,  
Seguirás melhor esteira,  
Se de meus ternos suspiros  
Quizeres ser mensageira;

Em vendo que ella está só,  
Vai-lhe expôr a paixão minha;  
Eu peço a Amor, que entretanto  
Tóme conta na cozinha;

Amor lavará teus pratos,  
E escumará a panella,  
Em quanto tu a seus pés  
Dizes, que eu morro por ella;

Teus grossos, trombudos beiços,  
Lhe vão expôr meus cuidados;  
Hão de ser melhor ouvidos,  
Que sendo por mim contados;

Pin-

Pinta-lhe as lagrimas tristes  
Em que meu rosto se lava ;  
Por hum infeliz cativo  
Peça huma ditosa escrava ;

Dize-lhe, que não se affuste  
De meu cabello nevado ;  
Jura-lhe que não são annos,  
Mas penas, que me tem dado ;

Que a cauza das minhas rugas  
He o seu defabrimento ;  
E vai da minha velhice  
Fazer-me hum inercimento ;

Ah Domingas, se em seu peito  
Me fazes achar piedade,  
Tambem eu juro fazer  
A tua felicidade ;

**E**

E pois que o teu coração  
Sómente he baixo, e grosseiro,  
Em preferir liberdade  
A tão feliz cativoiro;

Por amor ferei mesquinho;  
Meus gastos verás cortar;  
Para ajuntar-te quantia  
Com que te possas forrar;

Cheia de teus beneficios  
Minha mão agradecida  
Te irá pôr em larga praça  
Rendozo modo de vida;

E assentada em novo estrado,  
De fasquiada madeira,  
Ondeando ao som do vento  
Trémulo tecto de esteira,

Te-

Teus negros , airozos braços ,  
Chocalhando hum afiador ,  
Encheráõ famintos peitos  
De castanhas , e de amor ;

Terás bojudas tigellas  
Sobre incendidos tições ,  
Onde fêrvão em cardumes  
Saborozos mexilhões ;

Teus doces , sonóros écos ,  
Sem mentir , apregoaráõ  
O azeite de Santarem ,  
O cravo do Maranhão.

Domingas , segue este rumbo ;  
Que teu amor reloucado ,  
Sem te fazer venturoza ,  
Me deixa a mim desgraçado ;

**E**

E se sem dó dos meus ais,  
Teimas nos projectos teus,  
Fallando nos teus amores,  
Em vez de fallar nos meus;

Trocando boa amizade  
Por entranhado rancor,  
Vou descubrir teus intentos  
A teu austéro Senhor;

Que em zelo honrozo inflammado,  
Sem ser preciso aticallo,  
Vai a caza do Lagoia \*  
Trocar-te por hum cavallo.

CAR-

---

\* Comprador.

C A R T A

*A hum Amigo , louvando-lhe o estado  
de cazado.*

**F**oi este o ditozo dia ,  
Que te deo a Espoza bella ;  
Doce , sólida alegria ,  
Para ti , junto com ella ,  
No mesmo berço nascia ;

Por tua maior ventura ,  
Natureza lhe quiz pôr ,  
Entre os Dons da Formozura ,  
Outro dote inda maior ,  
Que he , alma innocente , e pura ;

Eu fei teu costume antigo ,  
A Mulher , que he só formozza ,  
Não vale tudo contigo ;  
Soubeste escolher Espoza ,  
Em quem tens Espoza , e Amigo ;

Quer

Quer sempre ter hum Senhor  
Nosso humano coração ;  
E na ventura maior  
Inda sente em si hum vão ,  
Que só enche o casto amor ;

De quantos males te eximes ,  
Dando ao teu tão bom Senhor ?  
Damnozas paixões reprimes ;  
Recebes das mãos do Amor  
Os prazeres , sem os crimes ;

Céga mocidade errada ,  
A' conjugal união  
Quiz chamar vida cansada ;  
Diz que he triste escravidão ,  
De mil pensões carregada.

Chama á paz hum dissabor ;  
Diz , que de fusto , e desdems  
Se alimenta o Deos de Amor ;  
E que a certeza dos bens  
Lhes diminue o valor ;

Fechão olhos á verdade,  
 Caminhando apòs seus erros;  
 E em falsa tranquillidade,  
 Ao som de pezados ferros,  
 Vão cantando liberdade;

Mil remórros na alma estão,  
 Que inda que o rosto os suffoca,  
 Roendo as entranhas vão;  
 Que importa rizo na boca,  
 Se ha punhaes no coração?

Amor he fogo sublime,  
 Que nas almas se accendeo;  
 As outras paixões reprime;  
 Elle he dadiva do Ceo,  
 O abuzo he que o faz ser crime;

Beija, Amigo, os teus grilhões;  
 Hum para o outro crão feitos  
 Os vossos bons corações;  
 Crava em vossos ternos peitos  
 Santo Amor os seus farpões;

Onde achas pessoa estranha,  
Que não contrafaça o rosto;  
Porque vê, que assim te ganha?  
Quem he que na pena, ou gosto,  
Com verdade te acompanha?

Contas teus cazos sem medo  
A quem por amigo passa;  
Fiaſte-te em rosto lêdo;  
Foste no meio da praça  
Aſſoalhar teu ſegredo;

Mal os homens conheço  
Pura amizade enganada,  
O ſanto roſto eſcondeo,  
E tornou-se envergonhada  
Para o Ceo, donde deſceo;

O amigo que te rodeia,  
Vêſte das tuas paixões;  
Com ellas te lizonjeia;  
São raros os corações,  
Em que dôa dor alheia;

Quantos

Quando acertares de ler,  
 Que houve entre homens união,  
 O Escritor a quiz fazer;  
 Não os pintou como são,  
 Mas como devião ler;

São coisas imaginadas  
 Dos Nixas o amor profundo;  
 São fábulas bem contadas;  
 Ou os não houve no Mundo,  
 Ou não deixarão pégadas;

Puro amor, limpa verdade,  
 Só entre Espozos estão;  
 Desce abelles a Amizade;  
 Traz-lhes co' a santa união  
 Hama: Já alma, e vontade;

Comunica á Espoza amada  
 Teus omniais internos cuidados;  
 E vive em paz descansada  
 A vida dos bem cazados,  
 Vida benaventurada;

Sem receio de perigo;  
 Dorme sono laboroso;  
 Que não tens junto contigo;  
 Lizonjeiro suspeitozo,  
 Traidor, com rosto de amigo;

Tens por doce companhia  
 Aquella, que o justo Ceo  
 Com mil virtudes te invia;  
 Tu es o cuidado seu,  
 E como seu, te vigia;

Goza em focego profundo  
 Tão pura felicidade;  
 Tens hum thezouro fecundo;  
 Tens amor, tens amizade,  
 Tens todos os bens do Mundo.

E se ha entre homens de velo  
 (Coiza que aqui contradigo)  
 Conta com hum, que he singelo;  
 E foi sempre teu amigo,  
 Quanto os homens podem falo.

C A R T A

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
Conde de Villa Verde D. Jozé de  
Noranba, boje Marquez  
de Angeja.*

**S**enhor, eu não sou culpado;  
Traçar outros Versos quiz;  
Mas tenho perdido o trilho  
Com as Trovas do Luiz;

A Muzza, que há pouco as fez,  
Outra rima não me inspira;  
Por mais que mordo nas unhas,  
E que em vão tempéro a Lyra.

Acceptai meus bons desejos;  
E como homem de razão  
Não desprezeis baixos Versos,  
Quando os dicta o coração;

Mi-

Minhas féis expressões,  
Filhas de amor, e saudade,  
O que não tem em pœzia,  
Lhe vai supprido em verdade.

Em quanto co' as soltas vélas,  
Forçadas do vento rijo,  
Demandava a Galeota,  
Os areas do Montijo;

Ent quanto ao Principe Augusto  
O patrio Tejo se humilha,  
E sobre os rasgados hombros,  
Lhe leva a soberba quilha;

Meus olhos, meus tristes olhos,  
Nas aguas seguindo a esteira,  
De lagrimas se arrazavão  
Sobre as praias da Junqueira.

Den-

Dentro do cansado peito  
 Se ateou crua peleja;  
 Senti huma guerra viva  
 De faudades, e de inveja;

Não era de baixa inveja  
 Affecto grosseiro, e injusto;  
 Era invejar ao Creador  
 Ir junto a seu Amo Augusto;

Senhor, não sou atrevido;  
 Ha lugares derradeiros;  
 O meu desejo me punha  
 Entre a chufma dos Remeiros;

Com as faces açoitadas  
 Dos agudos ventos frios,  
 Entre os borrifos das ondas,  
 E as pragas dos Algarvibs;

A Apóllo pedindo a Lyra,  
Que só para isto invêjo,  
Chamára das frias grutas;  
As loiras Filhas do Tejo;

Que escutando o fôrn divino  
Entre as húmidas moradas,  
E levantando nas ondas  
Suas cabeças doiradas;

De tal Hospede soberbas  
O lenho rodearião;  
E as aguas co' branco peito  
A' portia lhe abririão;

O fatídico Protêo,  
Cheio de saber divino,  
Revelára ao novo Heróe  
Os segredos do Destino;

Fa-

Famozas acções cantára,  
Levantando a fábia voz,  
Moldadas sobre as historias  
Dos Augustos Pais, e Avós:

Mas, Senhor, a minha Muza  
Sem tinco ao ar se remonta;  
E vai-se mettendo em obra,  
De que não póde dar conta;

Esta levantada empreza  
Até a *Boileau* deo sustos;  
Dizia que só *Virgilio*  
Podião louvar Augustos;

He queimar-lhe baixo incenso,  
Canfallo com Versos frios;  
Amor respeitoso, e votos  
Serão os meus elogios:

Vós,

Vós, Illustre Villa Verde,  
 Com quem sempre me hei achado,  
 Fazei que seja o meu nome  
 A seus ouvidos levado;

Se lhe der acolhimento,  
 Sigamos de Horacio as traças,  
 Façamos que a par das Muzas  
 Marchem as rizonhas Graças;

Dizei-lhe, que na Folhinha,  
 Com letras doiradas puz  
 Aquelles formozos dias  
 Das escadas de Queluz;

Aquelles dias ditozos,  
 Quando a seus pés ajoelhado,  
 Era ao abrigo das Muzas  
 Benignamente escutado;

Quando, tendo já traçado  
 Melhorar-me os meus destinos,  
 Se dignava perguntar-me  
 Como estavam os meninos.

Quando me mandou, quem em verso  
 Contasse como escapara,  
 Naquelle funesto encontro  
 Dos taes Carteiros da Enxára;\*

E se inda o favor mereço  
 De tão alta Protecção,  
 Dizei, que mudei de Officio,  
 Porém de ventura, não;

Que não me enganão zumbaias  
 Dos humildes Supplicants;  
 Porque a bolsa mais sincera  
 Trata-me inda como dantes.

Que

---

\* Allude ás Decimas.

Que inda os cães atrás do Russo  
Elperão nelle a merenda,  
Quando eu vou para Lisboa  
Fazendo Versos, e renda;

Que dando aos oucos ihaes,  
Vai marchando triste, e só;  
Que as mais segas fazem fécia,  
Porém que a minha faz dó;

Que até o boçal Gallego,  
Que eu tinha por innocente,  
Já me conhece a fraqueza,  
E já me revira o dente;

Depois, que as vélas de cebo  
Já cerceia no topete,  
E vai conquistar o Bairro  
De polainas, e colete;

Dé-

Depois que em chapéo de Braga,  
Que fô pôe em dia claro,  
Cozeo em devota resca,  
Candêa de Santo Amaro;

Depois que em déstros mênçios  
O suado corpo bole,  
E abre guerra ás Cozinheiras  
Ao som da Gaita de folé;

Já responde focinhudo,  
E eu me cálo as mais das vezes,  
Porque, pelos meus peccados,  
Sou réo de huns poucos de mezés :

Mas, Senhor, este Epizódio  
Vai sendo dos arrastados,  
O Gallego veio nelle,  
Como me vai aos recados;

Se

Se o Julgades enfadonho,  
Ao Principe o não conteis;  
Nos factos da minha vida  
A' vontade escolhereis;

Pintai-lhe a triste familia,  
Gritando-me por dinheiro;  
Hoje o rol de hum Alfaiate,  
A' manhã o de hum Tendeito;

Pintai-lhe hum Procurador,  
Que aqui vem todos os dias  
Saber da minha faude;  
Da parte das Senhorias;

Enfeita de cor alegre  
A funesta variação  
Marchão ás vezes os vizinhos  
Ao lado da compaixão;

E

A T R A Z

É pois que os vossos esforços  
Nunca me tem sido vão,  
Acabai, benigno Conde,  
Esta obra das vossas mãos;

De hum mal fadado Poeta  
Trocai em prazer as penas;  
Já diante d'outro Augusto  
Fez o mesmo outro Mecenas.

estudo e a arte de escrever  
com a mesma facilidade  
e com a mesma pureza  
e com a mesma elegancia



de hum mal fadado Poeta  
Trocai em prazer as penas;  
Já diante d'outro Augusto  
Fez o mesmo outro Mecenas.

C A R T A

*No dia das Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Angeja D. José de Noronha, estando  
o Author doente.*

**S** Enhor, se vos são acceitos  
Pobres Versos, mal-limados,  
Entre vidros, e receitas,  
Em tristo leite traçados;

Se de hum sombrio doente  
A fúnebre poezia  
Os prazeres não perturba  
Deste faustissimo Dia;

Consenti, que a branda Lyra,  
Por vós outr'ora escutada,  
E que teimoza molestia  
Tem ha muito pendurada;

So-

Sobre este cansado peito,  
Ferida com debil mão,  
Mande ao Ceo singelos hymnos,  
Nascidos do coração;

Consenti, que eu louve o Dia,  
Para mim assinalado,  
Que raia em nosso Horizonte,  
De nova luz coroado;

Dia, que vos vio nascer;  
E que quiz trazer consigo  
Quem une ao nome de Grande,  
O santo nome de Amigo;

Quem não quer só a Nobreza  
De Illustres Antepassados;  
E mais ama huma virtude,  
Que cem Titulos herdados;

Quem sabe, que o vir honrar  
Dos pequenos a baixaza,  
He entre os que nascem Grandes  
A verdadeira Grandeza;

Quem a favor de infelizes  
Traz sempre occupada a idéa;  
E estima a fortuna propria,  
Só para fazer a alhea;

Cem vezes, formozo Dia,  
Vem o Horizonte doirar;  
Nunca possão negros ventos  
Tuas luzes perturbar;

Tu nos déste em peito illustre,  
Que se doe de alheios ais,  
Hum coração adornado  
De mil Virtudes Morais;

St-

Senhor , eu não doiro enganos ,  
Que venal lizonja approva ;  
Sabidas verdades digo ,  
E sou dellas huma prova ;

Sou hum dos muitos exemplos  
Do vosso bom coração ;  
A minha felicidade  
Foi obra da vossa mão ;

Razoando em meu favor  
Contra teimozos destinos ,  
Felizmente pleiteastes  
A cauza dos meus Meninos ;

Ao bom Principe pedistes ,  
Que com mão compadecida ,  
Lhes concedesse humas ferias ,  
Que durassem toda a vida ;

Pedistes depois, Senhor,  
Que a sua Real Grandeza  
Se dignasse de arrancar-me  
D'entre os braços da pobreza;

Sei que nelle he natural  
Ter dó das alheias penas;  
Mas ouve-as melhor Augusto,  
Quando lhas conta Mecenas;

Por este modo alegrastes  
A triste familia minha;  
E em caza nos levantastes  
O Interdição da Cozinha:

Já hum segundo Frizão,  
Pendurada a lingua velha,  
Dá reboque, como póde,  
A' antiga meia parelha;

Já

Já o sórdido Gallego,  
Meu antigo companheiro,  
De gravata, e carrapito  
Arvorado em Boleçeiro;

Açoitando furdas ancas  
De dois Sendeiros roazes,  
No mesmo Bairro apregôa,  
Ora barrís, ora pazes;

Mas, Senhor, deixando graças,  
Pois não as pede a materia,  
E pedindo á minha Muza,  
Que seja comvosco scéria;

Rogo ao Ceo vos dê mil annos,  
Já que são tão bem gastados;  
Annos que achareis depois  
Em Livro de Oiro apontados;

E se em dia de Mercês  
Ides de Semana entrar,  
Seja a Mercê destes Annos  
O meu nome apprezentar.

Ao Principe, ajoelhando,  
Em favoravel momento,  
Por mim, Senhor, lhe jurai  
Eterno agradecimento;

E eu, em largando este leito,  
Já fci a hora opportuna  
De poder ajoelhar-lhe,  
Quando elle chega á Tribuna;

E pondo-me ao pé do Ginja,  
Que na *Não Ajuda* falla;  
E faz a todos os *Glorias*  
Continencias co' a vengalla;

Sur-

Surdo á historia do naufragio,  
Com que elle ás vezes me afferra,  
Rezarei ao Deos do Ceo,  
E assistirei aos da Terra.



C A R T A ,

*Tendo mandado huma Senhora ao Author  
Vinbo da Madeira com huma Carta  
em boa Poezia.*

**H**Um humilde admirador  
Da vossa bondade, e estilo,  
Beija a Carta precioza,  
Que vco honrallo, e instruillo;

Desde hoje, do Mestre Horacio  
Minha alma a lição escuza;  
Quiz a minha Bemfeitora  
Ser tambem a minha Muza;

De fino licor mandastes  
A minha cava prover;  
A vossa mão generosa  
Sabe dar, como escrever;

A' parca meza affentado,  
Em Vinho, e Carta pegava;  
Hia bebendo, hia lendo,  
E tuço me embebedava;

Deixo o velho Anacreonte,  
Hoje mettido a hum cantinho;  
Sua meza nunca teve  
Tão bons Versos, tão bom Vinho;

Se os teve, Vós o roubastes  
Por minha felicidade;  
Já cá tem o Vinho, e os Versos  
Quem delle só tinha a idade;

Das escumas do Madeira  
Vejo nacer a alegria;  
Com as azas affugenta  
A minha melancolia;

Já

Já se perturba a cabeça ;  
Já tenho emprestadas cores ;  
Já começo a esquecer-me  
As molestias , e os Crédores ;

O tal Horacio enganou-se ;  
Não conheceo a parreira ;  
Não se chamava Falerno ;  
Se era bom , era Madeira ;

He bom , mas tira o juizo ;  
Mandai-mo , em vez de o beber ;  
Não se arrisque neste jôgo  
Quem tem tanto que perder.

CAR-

## C A R T A ,

*De,culpando-se o Author de não ir a  
buns Annos.*

**S**Enhora, em honra do Dia,  
Esforçando a mão pezada,  
Tómo a Lyra, ha longo tempo  
Ao silencio consagrada;

E em quanto lhe álimpo as cordas,  
Que bolôr aos dedos dão,  
E atarantadas aranhas  
Despejando o bêco vão;

C'os olhos ao ar alçados  
A' minha Muza pedia  
Me dêsse sonóros Versos,  
Dignos de Apollo, e do Dia;

Que

Que me ensinasse a louvar  
O ditozo Nascimento ,  
Que ao vosso brilhante Séxo  
Trouxe mais hum ornamento ;

Que pintasse a loira Venus  
Vosso rosto hafejando ;  
Que me mostrasse as tres Graças  
O rico berço embalando ;

Que me ensinasse a cantar ,  
Cingida a testa de loiro ,  
Huns claros , triunfantes olhos ,  
Huns finos cabellos de oiro ;

Que me fizesse augurar ,  
Rasgando ao futuro o véo ,  
Amor consagrando as settas  
Nos Altares de Hymenéo ;

Mas

Mas as Muzas , como as Ninfas ;  
Tem para mim os pés mancos ;  
Fogem de trémulas vozes ,  
Tremem de cabellos brancos ;

Fiquei , pois , desamparado ;  
E merecendo desculpa ,  
De não vos mandar bons Versos ,  
Peço perdão , sem ter culpa ;

Sei que devia ir pedillo  
Respeitozo , e diligente ;  
Mas impede-me essa honra  
Hum defluxo impertinente ;

E quem em caza traz botas ,  
E vinte xaropes bebe ;  
E quando sahe , sahe mettido  
N'uma loge de Algebebe :

Se

Se fosse em tempo invernozo  
Entrar na illustre Assembléa  
Com leve, ingleza cazaca,  
Fina, transparente méa;

Sem acabar cumprimentos,  
Logo o corpo arripiado,  
Gelada a voz sobre os beiços,  
Cahiria constipado;

E o Marcos largando os bules,  
Pondo o Velho em quentes pannos,  
Entre os applauzos dos vossos,  
Praguejaria os meus annos;

Vossa bondade não quer  
Pôr o Cortezão em risco,  
De ir com Habito de Christo,  
E vir no de S. Francisco;

Acceitai dahi meus votos;  
Daqui a mão vos beijei;  
E dos doces que não como,  
Domingo me vingarei;

Darei escumantes copos  
Ao perum, e aos môlhos feus;  
Brindarei os vossos Annos,  
Tratando mui bem dos meus.



. C A R T A ,

*Aconselhando a hum Cabelleireiro, que  
não continuasse a fazer Versos.*

**P**Ois que o talento inquieto  
Até em poezia provas,  
E queres ás mais desgraças  
Ajuntar desgraças novas ;

Pois, que em galantes cantigas  
Teu Rival puzeste razo,  
E coroadado de trovas  
Vás entrando no Parnazo,

Quero em trovas avizar-te,  
Que ha baixios nesta barra ;  
Vou ser Prégador trovista,  
Vou ser hum novo Bandarra ;

A .

A occupação de Poeta  
He nobre por natureza ;  
Mas todo o Officio tem ossos ,  
E os deste são , a pobreza ;

Os dentes do bom Camões  
Sejão fieis testemunhas ;  
Muitas vezes esfaimados  
Não achárão senão unhas ;

Depois que seus frios olhos  
Se fecharão no Hospital  
Logo as Filhas da Memoria  
Lhe erguêrão Busto immortal ;

De que serve honra tardia ?  
Bem sci , que o rifão vem torto ;  
Mas faz lembrar a cevada ,  
Que se deo ao asno morto ;

Só as Muzas o chorarão ;  
E o enterro devia ser  
Como hoje nos pinta o Lobo  
O de João Xavier.

Homéro, o divino Homéro,  
Honra de antigas Idades,  
Por cujos inúteis ossos  
Brigaráo sete Cidades ;

Doces Versos recitando,  
Pela Grecia discorria ;  
Tinha os Thezouros de Apollo,  
E esmola aos homens pedia ;

Mas se de Authores antigos  
Tens tido pouco exercicio,  
Eu te aponto hum bem moderno,  
E até do teu mesmo Officio ;

Foi

Foi este o famoso Quita,  
A quem triste fado ordena,  
Que a fome lhe traga o pentem,  
E da mão lhe tire a penna;

Em quanto na suja banca  
Pobre tarefa tecia,  
Seu espirito sublime  
Sobre o Parnazo se erguia;

Cozendo sobre o joelho  
Em dura, falsa coveira,  
A sua alma conversava  
Com Bernardes, e Ferreira;

Mil vezes travéssas Muzas  
Da baixa obra o desvião;  
E mostrando-lhe o tinteiro,  
Pós, e banha lhe escondião;

Mas de que servem talentos  
A quem nasceo sem ventura?  
Vale mais, que cem Sonetos,  
A peor penteadura;

Amigo, vamos errados;  
Escolhemos muito mal;  
He o fado dos Poetas  
Não professarem real;

Péga no pardo baralho,  
E sobre a cama assentado,  
Fisga as biscoas conhecidas  
Ao parceiro descuidado;

Matando boças taffes,  
Vai mexendo os papelinhos;  
Nem poupes no cadafalso  
As gargantas dos Sobrinhos;

**Em**

Em lhe vendo huma de feis,  
Arma-lhe os laços viscozos;  
Antes que lhe caia a xina  
Na ceira dos laparózos;

Imita ondados cabellos:  
Co' rubro lápis na mão;  
Estas pinturas dão xina,  
As da Poezia, não;

Se em roda de loiras Ninfas  
Gyrão em torno teus ais,  
Em quanto lhe deres Versos,  
Acharás sempre Vestais;

Fallo como experimentado;  
Fallo com peito sincero;  
Póde huma vara de fita,  
Mais que a Iliada de Homéro;

No sonoro bandolim  
Fortuna as armas te deo ;  
Não ha Dama , que rezista  
A' moda do Melibéo ;

Toca-lhe mil contradanças ;  
Mas se não tiverem Dom ,  
Entre ellas não sevandiges  
O Fidalgo Cotilhom ;

Nestas coizas he que eu creio ;  
Poezia he mal fadada ;  
Assenta , amigo Luiz ,  
Que nunca servio de nada ;

Poucas Damas a conhecem ;  
Se a pedem , e se a festejão ,  
Gostão do que não entendem ,  
Pedem o que não dezejão ;

In-

Inda que por moda quertan,  
Que lhes repitão Verfinhos,  
Tem por modas de mais gosto  
Convulsões, e Jozézinhos;

Huma Venus me pedio,  
Por quem inda eu hoje peno,  
Que lhe fizesse hum Soneto,  
Inda que fosse pequeno;

Dinheiro, invicto dinheiro,  
Só em ti he que eu me fundo;  
Tens o Direito da força,  
Es o Tyranno do Mundo;

Amigo, escolhe hum Paralta,  
Corpo esbelto, perna teza,  
O chapeo tocando as nuvens,  
As fyellas á Malteza;

Or-

Ornem-lhe loiros canudos,  
Pendentes com igualdade,  
Tenras faces, onde morão  
A Saúde, e a Mocidade;

Chegue á bocca rubicunda  
Cheirozo lenço anilado;  
Dê bilhetinho discreto,  
De huma Novela furtado;

Põe da outra parte hum Ginja,  
Fivella de oiro no pé,  
Bom vestido de lemiſte,  
Boa meia grudifé;

Com óculos no nariz,  
Mas com a penna na mão,  
Assignando vinte letras  
Para Londres, e Amſterdão;

**E**

E diz-me, qual assentas,  
Que será o mais querido?  
Apósto, que as Damas todas  
Cuidão que o Velho he Cupido?

Amigo, tenho acabado  
O meu comprido Sermão;  
Préguei-te as altas verdades,  
Que trago no coração;

Abre mão das Poezias,  
Que nenhum préstimo tem;  
E cuida em sólidos meios  
De ganhar algum vintem;

Se dizes, que contra os Versos,  
Em Verso huma Carta ordeno,  
E que aqui me contradigo,  
Praticando o que condemno;

A teu forçozo argumento  
Respondo com Fr. Thomaz;  
Faze o que o Prégador diz,  
Não faças o que elle faz.



CAR.

C A R T A ,

*Pedindo-se ao Author buma  
Gloza.*

**M**Enino , dizer finezas ,  
Só o proprio Pertendente ;  
Amor não póde imitar-se ,  
Só o pinta quem o sente ;

Se adora alguma Nerina ,  
Se he para ella a tal Gloza ,  
Que vão fazer os meus Versos ,  
Onde está a sua proza ?

Além disso , essa figura ,  
Faces tenras , e córadas ,  
Fallão mais discretamente ,  
Que mil Cantigas glozadas ;

Len-

Lenço nas pontas bordado,  
Cipó, tizicas fivellas,  
Sobre hum corpo assim talhado,  
Se eu gósto, que farão ellas?

Versos são mui fracas armas  
Para vencer corações;  
He clara a letra redonda,  
Leia a vida de Camões;

Sua divina Poezia  
Teve mui curtos poderes;  
Tratarão-no mal os homens,  
E inda peor as mulheres;

Pois entra de amor na estrada,  
Siga nella outro farol;  
Embuce-se a huma esquina,  
Soffra chuva, soffra Sol;

Er-

Erga alli o Altar do Amor ;  
Queime alli humilde incenso ;  
Suba ao alto do capote  
Branco , alcoviteiro lenço ;

Que importa que os Capateiros  
Dem asfobio insultante ,  
Se os negocios vão marchando  
Com passadas de Gigante ?

Cem vezes na mesma tarde  
Pize esbelto a feliz rua ;  
Alheias cadeias de aço ,  
Relogio de hollanda crua ;

Vá por aqui , que por Versos  
Dá em vão loucas passadas ;  
São divertimento inutil ,  
São as historias das Fadas ;

In-

Inda que para cantallos  
Lhe dêsse Garção a Lyra,  
Como hão de crer-lhe verdades  
Na linguagem da mentira ?

Seja acérrimo chorão ;  
Pranto entendem raparigas ;  
Faça em lagrimas seu fundo,  
E não o faça em Cantigas ;

Palée co' estes remedios,  
Pois não tem o verdadeiro ;  
He elle ( aqui em segredo )  
O milagrozo dinheiro ;

Mas se teima em pedir Versos,  
E conselhos não supporta,  
Então perdõe, meu Menino,  
Póde bater a outra porta.

CAR-

C A R T A ,

*Agradecendo alguns pratos, que despertarão a vontade de comer.*

**S** Enhor, a dada Perdiz,  
Acerejada, e fresquinha,  
Veio emendar os estragos  
Da enjoativa gallinha;

Esta ave he sempre odioza  
A melancólicos dentes;  
Faz lembrar ultimos caldos  
De já perdidos doentes;

He, além disto, hum cruzado  
Fugido do mialheiro;  
Este meu mortal fastio  
Custou rios de dinheiro;

**Mas**

Mas da vossa lauta meza  
Bocados medicinais  
Forão tão bem applicados,  
Que me curarão de mais;

Venceo vosso cozinheiro  
O tal fastio cruel;  
Meu estomago já pede  
Meças com Fr. Manoel;

Mas, Senhor, vossa piédade  
Vai ser-vos hum dom fatal;  
Quizestes fazer hum bem,  
Que redunda em vosso mal;

Fizestes nascer a fome,  
E a fome pede mantença;  
Se a deixais entregue a mim,  
Pode morrer á nascença;

A

A vossa filha amparai ;  
Não he de peitos honrados  
Pôr .as suas Caturas  
Na Roda dos Engeitados.

Em soando as duas horas ,  
Sabei que esta cara minha  
Tem longos , ávidos olhos ,  
Fitos na vossa Cozinha ;

Eu não vou , porque inda fraco ,  
Indo arrostar ar delgado ,  
Antes de matar a fome ,  
Morreria constipado.

C A R T A

*Sobre o mesmo Assumppto.*

**S** Enhor, assim que eu largar  
A baeta fatiota minha,  
Vou beijar as pias lágeas  
Da vossa farta Cozinha;

Não foi attento Hespanhol, \*  
Receitando amarga quina,  
Quem venceu meu mal co' as armas  
Da fallivel Medicina;

Vós sabeis traçar receitas  
Mais gratas, e mais felizes:  
Curarão-me oppostos males  
Bem applicadas Perdizes;

Hu-

---

\* Medico.

Humas o appetite abrirão ,  
Outras focêgo lhe dão ;  
Sararão as duas chagas  
Co' pello do mesmo cão :

Dizem linguas inimigas ,  
Que esta doença he ficticia ;  
E os Práticos do meu pulso  
A capitulação malicia.

Que em meu capote abafadas  
Estas goellas felizes ,  
Em vez de cozerem lynfas ,  
Estão armando ás Perdizes ;

Senhor, não devo atalhar  
Este conjurado assédio ;  
Porque era , provar doença ,  
Ingratidão ao remedio ;

Só digo, que não ganhais,  
Dando ouvido ás vozes suas;  
Aqui dais-me huma Perdiz,  
E se lá vou, tiro duas.



CAR-

C A R T A.

**B**Om Sobral, o que eu te disse  
He, a meu pezar, verdade;  
Sonóros, amenos versos,  
São obra da Mocidade;

Mandaste que em Crescentini,  
Louvando a doce harmonia,  
O que o Mundo diz em proza,  
Eu lho enfeitasse em Poezia;

Que invocando as brandas Muzas,  
Encoitada ao peito a Lyra;  
Cante os ternos sentimentos,  
Que elle nas almas inspira;

Môço Sobral, tu ignoras  
Da inerte velhice os danos;  
Nesta fria testa brigão,  
Co' teu preceito, os meus annos :

Que importa, que a huma orelha  
A tua voz respeitada  
Me mande afinar a Lyra,  
Ha dez annos pendurada,

Se á outra me diz Apollo,  
Que eu sou já dos reformados;  
Que em seu Tribunal não tornão  
A servir Apozentados?

Longa idade, he longo mal;  
Velho, só he bom o Amigo;  
O teu mesmo Crescentini  
Ha de provar o que eu digo :

Este homem, que a seu arbitrio  
Move as humanas paixões;  
Que traz na sua voz o sceptro  
Dos sensíveis corações;

Que nos deixa duvidozos  
Quaes forças maiores são,  
Se os encantos da harmonia,  
Ou se a viveza da acção;

Que em mim, que sou homem duro,  
E rebelde ás Leis primeiras;  
Que não choro nos mais homens  
As desgraças verdadeiras;

Que, insensível, vi no Circo  
Burlesco Neto arrastado  
Deixar co' a rota cabeça  
O terreno ensanguentado;

Que

Que vejo com olhos seccos,  
Com firme semblante inteiro;  
Fugir-me n'um parolim.  
O meu ultimo dinheiro;

Que em mim, digo, arranca pranto;  
Que amolga hum peito de seixo;  
Que muita vez co' chapeo  
Encubro o trémulo queixo;

Que quando dos tenros Filhos  
Chorava o triste destino,  
Tinha este peito de bronze  
O coração de Sabino;

Este homem, que solto o panno,  
Vivas vem á força ouvir;  
Se cantar de hoje a dez lustros,  
Em vez de chorar, faz rir;

Sobre os levantados áres  
A envergonhada Harmonia,  
Batendo apressadas azas,  
Do seu Filho fugiria;

E o Jeronýmo estendido \*  
Co' as pernas nos tamboretos,  
Cabeceára entre as rimas  
Dos ociozos bilhetes ;

E cuidavas tu , que a foice  
Que a raes dons ha de pôr fim ,  
Que ha de ferir Crescentini ,  
Me tinha poupado a mim ?

Se eu hoje fosse aos Oiteiros ,  
Onde já tive elogios ,  
Dir-me-hião crueis verdades  
Mil sinceros affobios ;

EE

Este Genio dos Poetas  
He fugitivo, e mesquinho;  
A' primeira cam dos deixa  
Na ametade do caminho;

Não he irmão do teu Genio,  
Este estende mão segura;  
Acompanha os seus Validos  
A' borda da sepultura;

Fará que sempre as desgraças  
Em tristes peitos emendes;  
Que sigas sempre os exemplos,  
Que dentro de caza aprendes;

Lastima, pois, minhas rugas,  
Que até me cauzão o mal  
De faltar ao teu preceito,  
E a louvar hum homem tal;

Mas

Mas vasto, cheio Theatro,  
Que elle encalma em tempo frio,  
Falla melhor, que dez Odes,  
He mais util elogio;

E nelle estas velhas mãos  
Co' as forças que nascem d'alma,  
Darão, em lugar de Versos,  
Muito pinto\*, e muito palma.



CAR-

---

\* Cruzado novo.

C A R T A

*A huma Senhora , que em bons Versos  
pedio ao A. a Sátira do Velho.*

**S**enhora, o Quadro pedido  
Não estava retocado,  
Mas brevemente o remetto,  
Deixai isto ao meu cuidado;

Mostra os erros da velhice;  
Põe alguns Velhos á raza;  
Custou-me pouco a pintura,  
Por ter as tintas de caza;

Que já hum Amigo o vio,  
Eu, Senhora, vos confesso,  
Porém mostrei-lho inda em calva  
Como eu tambem lhe appareço;

CAR

Vós

Vós fois de mais cerimonia,  
E pezais com mais rigor;  
Temi, que sem rir c'os Versos,  
Só vos vissem rir do Author;

Tómo outra vez o pincel,  
Vou-lhe pôr attenta mão;  
Abençoarei meu trabalho,  
Se lhe derdes protecção;

Pois que a deve o sangue illustre,  
Tem dois direitos meu cazo;  
Porque a peço a huma Fidalga,  
Que o he tambem no Parnazo;

De tão alto voto espero,  
Que geral favor me traga  
A huns Versos, que antes de lidos  
Tiverão tamanha paga.

**Ao**

Ao favor de mos pedirdes,  
Honra, que eu não merecia,  
Ajuntastes o thezoiro  
De mos pedir em Poezia ;

Que fáceis, que amenos Versos !  
Trazem das Muzas o bafo ;  
A moral os faz ser vossos,  
Que quanto ao mais são de Sapho ;

Só na pintura dos annos  
Errou essa mestra mão ;  
Porque inda que era em Poezia,  
Foi puchar muito a ficção ;

A doce, igual harmonia,  
A imaginação fogaça,  
Depuzerão contra vós,  
E vos chamão mentiroza.

Se occulto, fyzico acazo  
Branqueou huns fios de oiro,  
Vosso vingador Apollo  
Os cobre de mirto, e loiro:

Quem marcha ao lado das Graças,  
Não sabe o que he fria idade;  
Deixai-me dizer a mim  
Essa funesta verdade;

He em mim que o voraz Tempo  
Já empolgou a mão forte;  
Se inda me mêcho em Poezia,  
He já co' a ansia da morte;

Cedo raivozos Crédores,  
A quem não curei as chagas,  
Darão a meus frios ossos,  
Em lugar de pranto, pragas;

E outros, a que a carapuça  
Mesmo, sem mira, não erra,  
Dirão com gosto ao Coveiro  
= Enche-lhe a boca de terra. =

Mas tudo perdoaráo  
Minhas sepultadas cans,  
Se de cypreste as cobrirdes  
Vós, e as vossas oito Irmans.



C A R T A.

**A** Ti, amavel Bandeira,  
Partidista da Verdade,  
E de quem tenho mil provas,  
Que o és tambem da Amizade:

Que são Filozofos vives,  
E o mesmo morrer protestas,  
A' excepção de me dares  
Bilhete de boas festas:

Tolentino firme amigo  
Inda quando o Mundo caia,  
E a quem obrigas a sello  
Desde a rua da Atalaia, \*

Tom. II.

I

De-

---

\* Onde tinhamo morado havia muitos annos.

Dezeja pura alegria,  
Saúde, e muito vintem;  
Dezeja-te tudo aquillo,  
Que elle quasi nunca tem;

Pois, que chuva, e negros ventos  
Me fechão a porta, e o dia,  
E em caza apontão cuidados,  
Redobrada bateria;

Pois que a horrivel solidão  
Aviva a idéa cruel  
Da gaveta, vão sepulchro  
Do agonizante quartel.

E a engenhoza Hypochondria  
Me mette no antigo empenho  
De jurar, que effou morrendo  
Das molestias, que não tenho,

Vou

Vou ver se posso esquivar-me  
A tanto mortal inimigo,  
Acolhendo-me ás lembranças  
Do nosso bom tempo antigo;

Tem a fôlta fantazia  
Farto, milagrozo armario;  
Cura-me penas reaes  
Com prazer imaginario;

O nosso bom tempo antigo!  
Quando alçando a tórva fronte  
Jantava Quintiliano  
A' meza de Auacreonte;

Quando nos brilhantes copos  
Do casto, herdado Gorizos, \*  
Hião mergulhar as azas  
Os Prazeres com os Rizos;

I ii

Quan-

---

\*. Nome de huma Quinta do Amigo, a quem o A.  
escreve, a qual produz bom vinho.

Quando em renhidas disputas  
Mettias traidora mão,  
Sendo o motivo da guerra  
Solapada mangação.

E sem haver lindos olhos,  
Sem haver ondadas tranças,  
Doidos com doidos tecião  
Turbulentas contradanças.

Quando o affustado Ministro,  
Que as margens do Doiro trilha,  
Pôde salvar da procella  
A sua estimavel bilha.

Clama em vão por tão bom tempo  
Minha discreta faudade;  
Doce, fugitivo tempo,  
Da nossa doirada idade!

An.

Ante meus olhos faudozos ;  
Cruas azas despregou ;  
E em cambio de tantos bens,  
Cans, e rugas me deixou.

Só tu podes, caro Amigo,  
Virar-lhe o vôo apressado ;  
E fazer que elle me traga  
Outra vez o meu reinado :

Não peço bruxos prestígios,  
Basta ouvires meu alvítre,  
Põe a rua da Atalaia  
Na Calçada do Salitre ; \*

Prepara farta vingança  
A meus compridos jejuns ;  
Lança, em nome da Amizade,  
Mais nozes aos teus peruns ;

Lan-

---

\* O A. jantava muitas vezes na rua da Atalaia em casa do Amigo, a quem escreve, o qual se mudou para o Salitre.

Lance fumo a faca tinta  
Nas victimas degolladas ;  
Revõem pelo quintal  
As pennas ensanguentadas ;

Tornem a dar os teus lares  
Guarda á minha desgraça ;  
Tornem a ter teus amigos  
Polido Isidro de graça ; \*

Vai na franca , lauta meza ,  
Versos ouvindo , e tecendo ;  
Entre as Muzas , entre as Graças  
Vai , a rir , empobrecendo ;

Correntes do Doiro , e Rheno  
Escaldem meu Estro fraco ;  
Abraõ-me o Templo de Apóllo  
Atrevidas mãos de Baco ;

Sol-

---

\* Casa de Paíto.

Sólte o rozado Taful  
A falsa eloquencia sua ;  
E marche pelas Sciencias  
Como marcha pela rua ; \*

He alma das Companhias,  
Alegres mezas governa ;  
Depois de estar assentado,  
Não conheço melhor perna ;

Tomando amolada faca  
Teu sizudo Capitão,  
Nos demonstre, sobre hum lombo,  
A gacra do Rossilhão ;

Aliza assim, caro Amigo,  
Meu velho, engelhado coiro ;  
Manda ás Parcas, que o meu fio,  
Já que he curto, seja de oiro.

Dá

Dá brando ouvido a meus rogos;  
Teu bom peito em bem os tome;  
Não te falla vil lizonja,  
Fallá-te a Amizade, e a fome:

E tu, dia tormentozo,  
Que abalas velhas trapeiras,  
Que o telhado me arripias,  
Que me enfopas as esteiras;

Que em meus reumaticos ossos  
Assentas pezado açoite;  
E sobre medonhas nuvens,  
Me mandas de tarde a noite;

Serás o dia mais alvo,  
Que em meus largos annos levo,  
Se for acceita esta Carta,  
Que á tua má luz escrevo;

Cha-

Chamarei Zéfiro brandos  
A teus roucos ventos frios,  
Se hoje resolve o Bandeira  
Dar de comer a vádios.



C A R T A

*A hum Camarista.*

**N**'Uma infeliz madrugada,  
Antes que o Sol esclareça,  
Mettido em pobre caleça,  
Puz peito, Senhor, á estrada:  
Sahi em hora minguada,  
Pois negra traição me espera;  
Homens, com genios de féra,  
Me atacarão sem motivo;  
Por milagre fiquei vivo,  
E devo pezar-me a cêra.

Vi revoltosos Carreiros  
Com duro aguilhão armados ;  
Vi nuvens de páos alçados  
Pelos cunes dos oiteiros :  
Roldão , e o bravo Oliveiros ,  
Que alta pena Heróes declara ,  
Talvez voltassem a cara ,  
Que a tantos tremer fazia ,  
Se nos campos da Turquia  
Vissem Carreiros da Enxara.

Vi os Campos inundados  
De gentes vagas , e incertas ;  
Vi as estradas cobertas  
De cacheiras , e cajados :  
Não valem rogos , nem brados ,  
Não valem ligeiras pernas ;  
A raiva , e o Deus das Tavernas  
Accendêo tanto os Campinos ,  
Que cuidei que os meus Meninos  
Terião férias eternas. \*

Em

---

\* O A. era Professor de Rhetorica , e pertendia passar para outro emprego.

Em quanto no duro chão  
Meu Companheiro arquejava,  
Eu muito humilde esperava  
Tambem a minha razão;  
Bem me lembrou que esta acção  
Deslustrava a minha gloria;  
Mas não pertende vitoria,  
Nem sabe mover espada  
Mão, ha annos, costumada  
A dar só com palmatoria.

Entre mortaes agonias,  
Da bruta gente escapando,  
Me fui na sege encaixando,  
Maldizendo as romarias;  
Praguejei meus negros dias,  
Dias de pranto, e de dor;  
Conheci então, Senhor,  
Que só me dão meus destinos,  
Ou Carreiros, ou Meninos,  
Que Deos sabe o que he peor.

Mas

Mas a perda da vitoria  
Sirva de abrandar meus fados;  
Dem-vos motivo os Cajados  
De fallar na Palmatoria;  
Saiba o Principe esta historia;  
Contai-lha com viva côr;  
Fazei com que, em meu favor,  
Sentindo affectos diversos,  
Lhe motivem rizo os Versos,  
E lhe faça dó, o Author.



C A R T A

*A hum Camarista, tendo o A. sido despachado.*

**A** Rara benignidade,  
Que quiz o Ceo conceder-vos,  
Permitta que de escrever-vos,  
Tome eu hoje a liberdade;  
Pois tendes tanta bondade,  
Peço, nella confiado,  
Que por mim ajoelhado,  
E na bocca o coração,  
Beijeis ao Principe a mão,  
E lhe deis este recado.

Di-

= Dizei , pois , a Sua Alteza ,  
Que eu , seu humilde Afilhado ,  
Por elle ha pouco arrancado  
D'entre os braços da pobreza ,  
Na simples , mas farta meza ,  
Entre os Irmãos , e os Parentes ,  
Aos Ceos , com votos ardentes ,  
Pedimos , que em paga justa ,  
Prosperem a Mão Augusta ,  
Que nos faz viver contentes :

E se entre as puras verdades ,  
Que Vós lhe podeis contar ,  
Virdes , que terão lugar  
Algumas jovialidades ,  
Pintai-lhe as felicidades ,  
Que vai tendo a gente minha ;  
Dizei-lhe que na Cozinha  
Ardem já montões de brazas ;  
Que em todas as minhas cazas ,  
Era a mais fresca , que eu tinha ;

Que

Que os enroupados Sobrinhos,  
 Affrontando o vento frio,  
 Vem todos mostrar ao Tio  
 Os seus novos jozefinhos;  
 Que então lhes conto, e aos vizinhos,  
 Por quem a roupa foi dada;  
 Que Mão, nunca affás louvada,  
 Mão Real, piedosa, e justa,  
 Me poz livre a Rua Augusta,\*  
 Por varios crimes vedada;

Que hum Tendeiro, que os seus bens  
 Me fiava, dando arrancos,  
 Veio em barrete, e tãmancos  
 Dar-me logo os parabens;  
 Espera que os meus vintens  
 O fação tambem feliz;  
 Porque, segundo elle diz,  
 Ha de haver na sua Tenda  
 Mais sahida na fazenda,  
 E menos gasto no giz. \*\*

Mas

---

\* Aonde se vende panno.

\*\* Costumão marear com giz o que dão fiado.

Mas eu hum crime cometto,  
Quando de ensinar-vos trato;  
Quiz ser ao Principe grato,  
Mas fui comvosco indiscreto;  
Homem, como Vós, discreto  
Não precisa formulario;  
A Egoa do Seminario \*  
Me deve os rompões cravar,  
Por eu querer ensinar  
O Padre nosso ao Vigario.



*Tom. II:*

K

A

---

• Tinha allusão particular.

*A' Illustrissima, e Excellentissima Senhora D. Catharina Micaella de Souza, tendo feito a honra ao A. de lbe offerecer huma Vestia de Setim; e pedindo-lhe este que lembrasse o Requerimento, em que seu Irmão pertendia o Governo de hum Forte.*

**M**Inha respeitoza mão  
 De seus limites não sai;  
 A escritura, que aqui vai,  
 Não he carta, he Petição;  
 Até ante os Thronos vão  
 Vozes em papel incluzas;  
 As minhas não vão confuzas;  
 São memorial mui claro;  
 Sou Poeta, dai-me amparo,  
 He obrigação das Muzas.

**Não**

Não peço hoje para mim;  
Bem cuberto anda meu peito;  
Inda beijo, inda respeito  
Huma Vestia de Setim.  
Triste Irmão tem já no fim  
Farda rôta, e chamuscada;  
Tem má cõr, e he mal fadada;  
Quer que a mão piedosa, e franca,  
Que a mim me deo Vestia branca,  
Lhe dê Cazaca encarnada.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Sen-  
hor Conde de Villa Verde, hoje  
Marquez de Angeja.*

**E**M sege estreita entaipados,  
Sol á ilharga, Sol por cima,  
Vinha eu, e o Padre Lima  
Cheios de pó, e encalmados.  
Eis-que na estrada atacados,

Embora no velho caco  
 Murche o cansado miôlo;  
 Se os loiros lhe tira Apollo,  
 Com parras o adorna Baccho;  
 Põe mira meu peito fraco  
 Nos vossos puros almudes;  
 E em honra de mil virtudes,  
 De mil talentos diversos,  
 Em vez de fazer dois Versos,  
 Farei duas mil saúdes.

*Sabinda por sortes Compadre de humia  
 Senhora da primeira Grandeza.*

**D**Evo pouco á Natureza,  
 E muito a hum brinco innocente;  
 Porque elle me faz parente  
 Da mais distincta Nobreza.  
 Embora esquiva riqueza  
 Pretas fortes me não mande;  
 Que importa que ha annos ande  
 Sempre a perder nas menores,  
 Se nas dos premios maiores  
 Me sahio o premio grande.

*Fa-*

*Fazendo annos o Illustrissimo, e Excel-  
lentissimo Senhor Marquez de An-  
geja, Tenente General, na occasião  
em que sabita Provedor da Miséri-  
cordia.*

**Q**ue fazem Versos cansados,  
Applaudindo os vossos Annos,  
Se dos nossos Soberanos  
São melhor elogiados?  
Se os trazem sempre empregados  
Em servir a Monarquia,  
Se a Real Secretaria  
Escreve em vosso favor,  
Taes prozas louváo melhor,  
Do que a melhor Poesia.

Da vossa dexteridade  
Fião coizas encontradas;  
Dão-vos as duas estradas,  
A do Sangue, e da Piedade.  
Vivei pois comprida idade

Sem-

Sempre entre Povos amigos ;  
Mas se crescerem perigos ,  
Crescerão as acções nobres ;  
E a mão que defende os Pobres ,  
Cortará os Inimigos.

*No dia dos annos do mesmo  
Senhor.*

**A** Minha Muza cansada ,  
Perdendo os vôos ligeiros ,  
E ao pé de muchos loireiros  
Com razão apozentada ;  
Hoje , Senhor , animada  
Do amor , e da gratidão ,  
Esquecendo a multidão  
De frios cabellos brancos ,  
Vem , forcejando os pés mancos ,  
Metter-me a Lyra na mão.

Gra-

Gratidão seus passos rege;  
 Quer que em limada Poezia  
 Venha louvar neste dia  
 Quem em todos me protege;  
 Nas cordas de ouro, que elege,  
 Quer, que invocando as Camenas,  
 Eu cante as horas serenas  
 Em que o Céu piedoso; e justo  
 Para o lado de hum Augusto  
 Me fez nascer hum Mecenas.

Eu respondi, que a harmonia  
 Me fugio co' a mocidade;  
 E que a sólida verdade  
 Não depende da Poezia;  
 Que em proza sempre seguia  
 Seu acertado conselho;  
 E que em fim Poeta velho  
 Por teima querer rimar,  
 He o mesmo que is dançar  
 O vosso ginja, Botelho.

---

Creado muito velho, tentado com minuetes.

*Ao mesmo Senhor em outro dia  
de annos.*

**S**enhor, co' as minhas Poezias  
Festejava os annos teus;  
Porém mandão já os meus,  
Que eu venha co' as mãos vazias;  
Geladas madeixas frias  
Fechão do Parnazo o passo;  
Pois que já o Tempo escaço  
Esfriar meus Versos quiz,  
Quem me accitou os que fiz,  
Me agradeça os que não faço.

Mas he da tua Grandeza,  
E a tal dia acção adquada,  
Inda que não trago nada,  
Não perder a Caza, e a moza;  
Por culpas da Natureza  
Não perca os meus ordenados;  
Cubraõ teus tectos dobrados  
Inutil, mudo Jarteta;  
Não o merece o Poeta,  
Mas he costume aos Creados.

*Ao mesmo Senhor em outro dia  
de annos.*

**N**este venturozo Dia,  
Honrado, e honrador Marquez,  
Sempre eu vim a vossos pés  
Trazer a offerta em Poezia;  
Ante Vós a Lyra erguia  
Humilde, alegre, e casquilho;  
Mas hoje mudando o trilho,  
A bem, Senhor, me levai,  
Que sendo os annos do Pai,  
Dê a Colgadura ao Filho.

Moço Illustre, eu dou conselhos,  
Filhos de amor, e verdade;  
Permittida liberdade  
Aos fieis Creados velhos;  
Ouvi: Bons Pais são espelhos;  
Dão doutrinas sem enganós;  
E eu rogo aos Ceos Soberanos,  
Que ao vósso ouvindo as lições,  
Sejão as vossas acções  
O elogio dos seus Annos.

*Ao*

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Marialva, com quem se tinha encontrado o A. na Casa em que estava o Embaixador de Marrocos.*

**N**A Quinta da Praia clatta,  
 Que lhe tireis a Cadeira  
 Hum triste, que quarta-feira  
 Comvosco esteve em Moirama:  
 Se a Estrella, que a Vós o chama,  
 Não lhe abranda os seus destinos,  
 Torna para os Marroquinos;  
 Porque, agoiros por agoiros,  
 Antes cativo de Moiros,  
 Do que Mestre de Meninos.

No

*No dia dos Annos de hum Menino.*

**D**E plumachos emplumado,  
Manso, alegre Cavallinho,  
Ou torneado carrinho  
D'alvos Carneiros puchado,  
Devião marchar ao lado  
Deste papel que remetto;  
Mas mostrando o meu affecto  
Como póde o meu destino,  
Em obzequio de hum Menino,  
Vou dar aos outros Suéto.

*Na despedida de hum Ministro, que  
partia levando seus Filhos.*

**A** Lei da pura amizade  
Minhas lagrimas condemna;  
Quer que ceda a minha pena  
A' tua felicidade;  
Vai; e em quanto a vil maldade,

**E**

E a intrigante cubiça,  
A baixa inveja, a injustiça  
Pézas na recta balança,  
Conferva de mim lembrança,  
Que he tambem fazer justiça.

E vós, lindos Innocentes,  
Que nessas tenras idades  
Já sabeis mover saudades  
Nos amigos, nos parentes,  
Quando lhe virdes pendentes  
As balanças da razão,  
Ide internecello então  
Com rizo, com géstos novos;  
Lembra-lhe, que aquelles Povos,  
Como vós, seus filhos são.

A

*A hum Fidalgo, que pedia para o Au-  
thor hum lugar na Secretaria, na  
occazião em que elle pertendia o seu  
proprio Despacho.*

**S**E vemos rir quem chorava,  
E tantos exemplos temos,  
Senhor, não desesperemos,  
Deos ainda está onde estava :  
Agua branda as pedras cava ;  
Em tudo o tempo he precizo ;  
Saber teimar com juizo  
Tem mil montes aplanado ;  
Talvez sejais despachado,  
E talvez que eu lavre o Avizo.

Ah Senhor, com que alvoroço,  
Na-liza banca forrada,  
Eu de cazaca encarnada,  
E fitta preta ao pescoço,  
Lançara o despacho vosso,  
Que tanto tempo esqueceo!  
Que grande favor do Ceo,  
Se o meu primeiro exercicio  
Fosse servir-me do Officio  
A favor de quem mo deo!



*A respeito de hum Padre , que dizia ter sido Mestre de Rhetorica ; que tomava tria-ga contra o veneno que ainda lhe havião de dar ; que dizia que estava eleito Cardeal ; e que era demaziadamente triguei-ro , se deo este*

## M O T E.

*Não tem côr de Cardeal.*

**N**ão ajuda ao Padre a cara ;  
 Revolvo antigos Annaes ;  
 E vejo que os Cardeaes  
 Tinhão a pelle mais clara ;  
 Será maravilha rara  
 Achar hum de côr igual ;  
 Forão brancos como a cal  
 Mazarino , e Alberoni ;  
 E a não ser este o Negroni ,  
 Não tem côr de Cardeal.

*Respondeo em Decimas , ás quaes  
 se fizeram as seguintes :*

Tom. II.

L

Que

**Q**ue venhão fufcos garraios  
 Metter em Versos a mão !  
 Potente Jove, aonde estão  
 Os teus vingadores raios ?  
 Hum homem de coiros baixos  
 Segue as Muzas tuas filhas ;  
 Tu, pois, que os vaidozos trilhas ,  
 Faze que este, em todo o cazo ,  
 Saia logo do Parnazo ,  
 E passe para Cassilhas.

Se em rhetorico exercicio  
 Já foubeste regras dar ,  
 Tambem eu posso fallar ,  
 Porque sou do mesmo officio ;  
 Que o teu cérebro tem vicio ,  
 He verdade affás notoria ;  
 Na Poezia , e na Oratoria  
 Vaz em total decadencia ;  
 Collega , tem paciencia ,  
 Has de vir á palmatoria.

No

No teu escuro Papel ,  
 Aos bons ouvidos ingrato ;  
 Achei hum vivo retrato  
 Da confusão de Babel ;  
 A' patria lingua infiel  
 És da Nação o desdoiro ;  
 Bem sei que te chego ao coiro ;  
 Mas não merece passagem ,  
 Que a batina , e a linguagem  
 Ajuntem Clerigo , e Moiro .

A quem me quèria arguir ,  
 Mostro , Padre , o tal Papel ;  
 He testemunha fiel ,  
 Não me deixará mentir ;  
 Em novos termos urdir  
 Mettes a todos n'um canto ;  
 Que uzas palavras de encanto  
 Assentão gentes maxuchas ,  
 Boas para ajuntar bruchas ,  
 Ou para tirar quebranto ;

Deixei-me, pois, de criterio,  
E tomei melhor caminho;  
Meu amigo, a hum louquinho  
He loucura fallar ferio;  
Chova, pois, o vituperio  
Sobre esse tostado coiro;  
Saia o tal Cardeal Moiro,  
Que o Capinha, alvoroçado,  
Vai, por ordem do Senado,  
Metter garrochas no toiro.

Fulla escrava Americana  
Já mandava á luz do dia  
Hum Crioilo, que seria  
Nódoa da Curia Romana;  
Carregado de banana,  
Porque no caminho coma,  
O rumo da Europa toma;  
E em terra, marchando á pata,  
Com sacco, e folha de lata,  
Deo a sua entrada em Roma.

Assim

Assim mesmo estropeado,  
E envolvido em grosso panno,  
Foi entre o Povo Romano  
Com mil respeitos tratado;  
Do vento, e do Sol queimado,  
Semblante quebrado, e afflito,  
Tem tal dom na cara escrito,  
Que gritavão de redor,  
Huns, que he o Rei Belxior,  
Outros, que he S. Benedito.

Tomou a Benção Papal;  
E teve tanto poder,  
Que sem o Papa o saber,  
Ficou feito Cardeal;  
Voltou para Portugal  
Já Cardeal Protector;  
Açou cá pouco favor;  
E zombão-lhe do Capello,  
Por ter mui crespo o cabello,  
E ser muito bassa a côr.

Er-

Erra o Vulgo os passos seus ;  
He hum cego , e maldizente ;  
A côr he méro accidente ,  
Todos são filhos de Deos.  
Porém para os lucros teus  
O Capello te faz mal ;  
No S. João , e Natal  
Terias gôrda guedeilha ,  
Armado de faca velha ,  
Pincel , e pote de cal.

Padre , vai-te o mundo ao pélo ;  
E c' o a lingua maldizente  
Te vai cortando igualmente  
As Poezias , e o Capello ;  
Porém eu , que sou singelo ,  
E meus contrarios ameiço ,  
Te affirmo , piedozo , e meigo ,  
Que se não tens , por teu mal ,  
Em Roma o de Cardeal ,  
Tens no Parnazo o de Leigo.

De-

Deves voltar outra vez,  
 E dizem que nisso fallas;  
 Mas pérgão-se pelas fallas  
 Teus molles, tardíos pés.  
 Se ajuda de custo vês, \*  
 Fazes-te côxo, e ronceiro;  
 Meu Padre, és muito matreiro,  
 Já todos estão de acôrdo;  
 E sem te verem a bórdo,  
 Não pões a mão no dinheiro.

Tua faude se estraga,  
 Mas teu Medico condemno;  
 Meu amigo, o teu veneno  
 Não se cura com triaga;  
 Para a tua antiga chaga  
 Medicina impropria he esta;  
 Muda, pois vês que não presta;  
 Grita c' os olhos em braza,  
 Que te fechem n'uma caza,  
 E que te sangrem na testa.

Sei

---

\* Pedia huma ajuda de custo.

De balde em Lisboa gritas,  
Attestando a Italia inteira,  
Que regeste huma Cadeira  
Nos Claustros dos Jezuitas ;  
As obras que vejo escritas  
Provão que nos tens mentido ;  
Até das Ordens duvido,  
Quando as tem cabeças tontas ;  
Tu, cá pelas minhas contas,  
És hum mulato fugido.

Foge outra vez, se tal és,  
Qual foge apupado mono ;  
Antes que venha teu dono,  
E te ponha nas Galés ;  
Antes que enfeite teus pés  
Legal, sonóro fuzil ;  
Não veja o patrio Brazil,  
Que os hombros do filho bello,  
Vindo buscar hum Capello,  
Só acharão hum barril.

Dizem todos , que és fingido ,  
Que ninguém louco te chame ;  
Por mais que eu lhe jure , e clame ,  
Que és mesmo doido varrido ;  
Dizem que estás conhecido ,  
E que o fazes por estudo ;  
Em tal cazo prompto acudo ,  
E de outro lado te ataco ;  
Se não és doido , és velhaco ,  
E talvez que fejas tudo .

Mas já quem póde me ordena ,  
Que armas ponhamos em terra ;  
Após sanguinoza guerra ,  
Alce a frente a Paz serena ;  
Sobre essa pelle morena  
Em paz teu Capello ajusta ;  
Assento que he coiza justa  
Seguires methodo novo ,  
E não dares gosto ao Povo ,  
Que quer rir á tua custa .

Não

Não te finge falso agrado  
 Meu semblante contrafeito;  
 Não encobre honrado peito  
 Coração refalseado;  
 Se me julgas disfarçado,  
 Alta injustiça me fazes;  
 Eu te juro eternas pazes;  
 E se falto aos votos meus,  
 Ah Padre, permitta Deos  
 Que eu sempre ensine rapazes.

E tu, que sem estes sustos  
 Vives cheio de alegrias,  
 Serenos, doirados dias,  
 Aos pés de teus Reis Augustos;  
 Tu, que por titulos justos  
 Te chamas o novo Horacio,  
 Quando entrares em Palacio  
 Conserva de mim lembranças,  
 Porque tenho as esperanças  
 Postas em ti, e no *Estacio*. \*

MO-

\* Bofo célebre.

M O T E.

*Hum suspiro de repente,  
Hum certo mudar de côr,  
São evidentes sinaes  
De que o peito occulta amor.*

G L O Z A.

**D**Ebalde as penas, e os gozinhos  
Disfarçais, loucos Amantes,  
Se os attentos circumstantes  
Tem em vós os olhos postos;  
De que servem falsos rostos,  
Se o coração desmente?  
N' um instante infelizmente  
Sahe perdido o longo estudo,  
Pois vem destruir-vos tudo  
Hum suspiro de repente.

Na-

Nada faz cautella , ou medo  
N' alma que devéras ama ;  
Esta turbulenta chamma  
Não sabe arder em segredo ;  
Sobe ao rosto , ou tarde , ou cedo ,  
Do escondido fogo o ardor ;  
Basta a declarar a dor ,  
Vámente n' alma guardada ,  
Huma palavra truncada ,  
Hum certo mudar de côr.

Duro amor , que coração  
Saberá nunca occultar-te ?  
Que vai fazer força , ou arte ,  
Onde as tuas settas vão ?  
Cegos Amantes , em vão  
O vivo fogo abafais ;  
Esses descuidados ais ,  
Que sem tino ao vento dáveis ,  
São provas incontestaveis ,  
São evidentes finais.

De

De que serve estar fallando  
Sizudos, e comedidos,  
Se esses olhos insoffridos  
Vos estão sempre entregando?  
Alçados de quando em quando  
Vão dizendo a occulta dôr;  
Abaixallos, he peor;  
Que essas vistas contrafeitas  
Dão ás vezes mais suspeitas,  
De que o peito occulta amor.



*Mandando huma gallinha a huma Pretinha bonita , que gostava de brincar com ellas.*

**A**S tuas fulas mãoszinhas ,  
Que a fome já não descarna ,  
E que de crearem farna  
Pafsão a crear gallinhas ;  
Acceitem creações minhas ,  
Que eu a outros fins guardava ;  
Senhora com côr de escrava ,  
Alta estrella , que em ti brilha ,  
Manda que se dê á Filha  
Aquillo que o Pai furtava.

CAN-

CANTIGAS

*Feitas nas Caldas com o Estribilho.*

*Olhos meus, cansados olhos,  
O vosso officio he chorar.*

**N** As Caldas, nas tristes Caldas  
Alegria vim buscar ;  
Quiz de noite ver o Sol,  
Quiz achar fogo no mar.  
*Olhos meus, &c.*

Que importa mudar de terra,  
E baldados passos dar,  
Se a toda a parte a que os volto  
Vai comigo o meu pezar.  
*Olhos meus, &c.*

Vejo pálidos doentes  
Pela Copa passear,  
Oico de antigas molestias  
Tristes effeitos contar.  
*Olhos meus, &c.*

Ve-

Vejo nas fêrvidas águas  
Mirrados corpos banhar ,  
E de balde aos surdos Céus  
Convulsos braços alçar.

*Olhos meus, &c.*

Vejo de perdido pranto  
Tristes ais acompanhar ,  
Com as lagrimas alhêas  
Vou as minhas misturar.

*Olhos meus, &c.*

Que importa ver Ninfas bellas ,  
Se accrescentão meu pezar ?  
Gostão de attrahir os olhos ,  
E as almas tyrannizar.

*Olhos meus, &c.*

Ao som de feridas cordas  
Dão doces vozes ao ar ,  
Quaes enganozas Serêas ,  
Que cantão para matar.

*Olhos meus, &c.*

Se

Se o meu pobre coração  
Se deixa huma vez tocar,  
Com escarneos, com rizadas,  
Meu pranto vejo pagar.

*Olhos meus, &c.*

Fartai-vos, pois, olhos meus  
De lagrimas derramar;  
Vós nascestes para tristes,  
E escolhestes o lugar.

*Olhos meus, &c.*



*A hum Leigo , que era vesgo , e que nunca teve fazião ; e a quem por acaso tocou na cabeça a ponta de hum espadim.*

**F** Erio sacrilega espada,  
Alçada por mão traidora,  
Cabeça, que sempre fôra  
Té aos Barbeiros vedada;  
D'entre a grenha profanada  
Corre o sangue á terra dura;  
Tosquiou-se a matadura;  
E o casco rebelde a ordens,  
Precizou destas desordens  
Para ter Prima Tonsura.

Fe-

Feroz Soldado imprudente,  
Que nova espada esgrimio,  
Foi o ímpio que ferio  
Esta victima innocente;  
A quem do golpe insolente  
O motivo lhe procura,  
Diz que fez compra segura;  
Pois duvidozo na escolha,  
Quiz ver que tal era a folha,  
Cortando por coiza dura.

Homem de tenção damnada,  
Só tu conseguiste o fim  
De entrar o teu espadim  
Aonde não entra nada;  
Da repentina estocada  
Cahê o Padre desmaiado;  
Mas quando recuperado  
A ti os olhos volveo,  
Sabes o que te valeo?  
Foi teres já almoçado.

Todo o Mundo te pragueja,  
Porque em detestavel guerra  
Hias deitando por terra  
Esta columna da Igreja ;  
Mas se triunfasse a inveja,  
E o Padre morresse então,  
Dize, ó ímpio coração,  
Que tanto em furor te atiças,  
Quem ajudaria ás Missas ?  
Quem tocaria ao Sermão ?

Quem nos daria a certeza  
De haver outro homem sizado,  
Que pudesse comer tudo  
Quanto se puzer na meza ?  
Da próvida Natureza  
Quem havia as Leis seguir !  
Observante em digerir  
Qual outro havia saber  
Depois de acordar, comer,  
Depois de comer, dormir !

Que

Que importa, ó cruel Soldado,  
 Para desculpar teu erro,  
 Ter sido o teu ímpio ferro  
 Já pela Patria arrancado?  
 Que importa que em campo armado  
 Junto a si Lippe te veja,  
 Que importa que o Mundo seja  
 Das tuas acções o abono,  
 Se a mão que defende o Throno,  
 Ataca depois a Igreja?

E tu, que segues os trilhos,  
 Que S. Francisco te fez,  
 E pões os teus gordos pés  
 Sobre os seus santos ladrilhos;  
 Pois que a seus devotos filhos  
 Guarda no Ceo largas pagas,  
 Nos olhos he bem que o tragas,  
 E de modelo não mudes;  
 E pois não he nas virtudes,  
 Que o seja ao menos nas chagas.

- Es-

*Estando o A. doente, e mandando pedir  
algum prato á meza, aonde jantava  
o sobredito Leigo.*

**H**Um estomago cansado,  
De cuja antiga ruina  
Tem sido cauzas iguaes  
A molestia, e a Medicina;

Que tendo em si dos tres Reinos  
As perigozas heranças,  
Só não bebo das Boticas  
Os S. Migueis, e as balanças;

Hum estomago sem forças,  
E ás leis geraes infiel,  
Que não trabalha em diamante,  
Como o de Fr. Manoel;

Que

Que não tem, como este Padre,  
Tanta fome obediente;  
E olha já para a gallinha  
Como elle olha para a gente;

Para emendar sefrazões,  
Que faz Arte, e Natureza,  
Vai, fugido das Boticas,  
Acoitar-se á vossa meza;

Mil vezes por outra cauza  
Teve a honra de buscalla;  
Indo então por matar fome,  
Vai hoje por despertalla;

Perdiz; ou branda vitella,  
São deste remedio o nome;  
Da vossa esplendida meza  
Seja elogio huma fome;

**E**

E porque o Padre o não faiba,  
Será a melhor cautella,  
Mandar tirar a iguaria  
Quando elle olhar para ella.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
Marquez de Ponte de Lima, Mñistro  
de Estado, pedindo-lhe o A. licença para  
ir ao remedio de banhos, na occasião em  
que o mesmo Senhor se tinha encarregado  
de lhe promover a mercê de se imprimi-  
rem as suas Obras na Officina Regia.*

C A R T A.

**S**enhor, entreguei meu livro;  
Foi esse filho mesquinho  
Co' a esteril benção do Pai  
Lançar-se aos pés do Padrinho;

Dei-

Dei-lhe em dote inuteis rimas,  
Dei-lhe vazio thezoiro;  
Mas vossas mãos milagrosas  
Convertem nadas em oiro;

Do mal fadado Parnazo  
Quebrareis o injusto encanto;  
Nem sempre seus verdes loiros  
Serão regados com pranto;

Impertinentes crédores  
Largar-me-hão em fim a rua;  
O meu cégo abrindo a bocca  
Lhes ha de fechar a sua;

Até apertados genios  
Sem vontade comprarão;  
Farão focinho á Poezia,  
E obzequios á Protecção;

**Mas;**

Mas, Senhor, de livro basta;  
He insulto ás mãos em que anda  
Passar de ser o meu livro  
A ser a minha demanda;

Foi esse meu rogo ouvido;  
Deixai que para outro mude;  
Tem objecto inda mais alto,  
He mais do que oiro, he saúde;

Contra o mal que me tem feito  
Raivosos Caniculares  
Me offerece a fresca Ericeira  
Seus claros, fádios mares;

Sei que nestas ondas bravas  
O banho hum risco teria;  
Posso começallo alli,  
E ir acaballo á Bahia;

Bra-

Bramindo na vasta praia  
Enrolada vaga forte,  
Dentro do pérfido seio  
Me traz a saúde, e a morte;

Mas com protector penedo,  
E cauto Marujo amigo,  
O impune, tónico fulto,  
Tórna em remedio o perigo;

Falta só licença vossa,  
E juro, Senhor, que vem;  
Como podcis Vós negalla,  
Se sabeis que ella he hum bem?

He o Pindo o meu thezouro,  
O Oceáno he meu Jordão;  
D'ambos recebo mil bens,  
Mas todos por vossa mão;

**Eu**

Eu a beijô ; ella receba  
Gratidão devida , e pura  
Em tributo que lhe paga  
O Creado , e a Creadura. \*

*Ao Excellentissimo Senhor D. Lourenço  
de Lima , tendo promettido ao A. que  
quando chegasse das Caldas , havia  
lembrar a mercê de se imprimirem  
estas Obras.*

C A R T A.

**O**Ra do cume dos Montes ,  
Ora em suas verdes fraldas ,  
Hia estender os meus olhos  
Na longa estrada das Caldas ;

So-

---

\* Tinha nomeado o A. Official da Secretaria.

Sobre escumozos cavallos  
Trotando empoada fege,  
Disse quem fez os meus versos  
= Ahi vem quem os protege; =

Alçando-me, hia a dizer-vos  
= Senhor, chegou o meu prazo;  
Honraestes hoje outros Montes,  
Honrai agora o Parnazo;

Promettestes fazer ferteis  
Seus estereis Mirto, e Loiro;  
Promettestes que a Hypocrene  
Levaria arêas de oiro;

Sua clara, inutil vêa  
Réga chão, que não se lavra;  
Vinde fazello fecundo,  
Vinde cumprir-me a palavra. =

**Mas,**

Mas, Senhor, não creis Vós;  
Era hum Casquilho, e do Povo;  
Tornei a pegar nas Contas,  
Tornei a esperar de novo;

Mil votos ao Ceo mandava  
Este humilde orador fraco,  
Que vos não vissem Carreiros, \*  
Nem os ladrões do Tabaco; \*\*

Então carrancuda Noite  
Me enxotou co' as negras azas;  
E em honra dos tacs Amigos  
Vim como Gato por brazas;

Sei, em fim, que já chegastes;  
Chamou por Vós minha dôr;  
Venha o Illustre Conselheiro  
Honrar-se em Procurador;

Fa-

---

\* Allude ás Declinas da Enchára.  
\*\* Fauto célebre feito naquella estrada.

Fazer bem, he mór grandeza ;  
Deo-vos, tambem esta, o Pai ;  
Vós ambos d' entre os meus loiros  
Cruas silvas arrancai ;

Com piedoza Geografia  
As Paternas mãos benignas,  
Emendando ingratos Mappas,  
Ponhão o Pindo nas Minas ;

O Impressor gosta de Versos ;  
Quer que os meus públicos andem ;  
Mas he hum tanto acanhado,  
Não imprime sem que o mandem ;

Elle perdoa o contagio ;  
Pegai-lhe a minha doença ;  
Só deixarei de gemer  
Em gemendo a sua Imprensa ;

Affigne, pois, meu Avizo,  
Pia, obedecida mão;  
Mas não cuideis que com isso  
Dais férias á protecção;

O mais ávido Leitor,  
Das Quintilhas pregoeiro,  
Ha de achallas infoffríveis  
Em lhe custando dinheiro;

E só em nojoza Tenda  
De Braguez Chatim mesquinho  
Terão sahida os meus Versos,  
Embrulhando o seu toicinho;

Só rapazes acharão  
Minha Muza doce, e meiga;  
Não porque tenha Poezia,  
Mas porque teve manteiga;

Met-

Mettei, pois, Senhor, em brios  
Ricos peitos avarentos ;  
Dizei, que comprem partidas,  
Que he honra honrar os talentos ;

Que ferão, comigo, eternos  
Se me evitarem o mal  
De ir ao Templo da Memoria  
Pela porta do Hospital ;

E então da escondida burra  
Ouvirá a surda aldraba  
Não as vozes da Poezia,  
Mas a voz de quem lha gaba ;

Indo abrindo, juraráõ  
A duas Artes odio, e medo ;  
A' da Guerra, em alta voz ;  
A' da Poezia, em segredo.

( 194 )

Entretanto ao digno Paí  
Pedi que me faça Author;  
Sejão públicos no Mundo  
Meus versos, e o seu favor;

De Limas na honroza historia  
Não serão titulos falsos  
Fazer que as augustas Artes  
Não marchem cos' pés descalços;

E Vós, firme Protector,  
Fazei que por taes favores  
Vamos beijar-vos a Mão,  
Eu, e os meus dois mil Crédores.

*Do*

Ao *Illustrissimo, e Excellentissimo* Senhor Conde das Arcas, sobre o  
*mesmo assumpto.*

C A R T A.

**B** Ateu aos vossos Portaes  
Hum morador do outro Pólo; \*  
Veio ao Templo de Minerva  
Dar hum recado de Apollo;

Vós sois dos seus obrigados,  
Bebeis seu licor divino;  
Manda que lembreis na Roza \*\*  
O esquecido Tolentino;

Sei que alli meu pobre livro  
Altos Protectores tem;  
Mas agora só se falla  
Nesta magica *Dutein*; \*\*\*

N ii

Apol-

---

\* Morava muito distante.

\*\* Sitio, aonde morava o Ministro de Estado respectivo.

\*\*\* Dançarina célebre.

( 196 )

Apollo não troca as Artes ;  
Mas vendo a Artifice , infia ;  
Recêa que com taes braços  
A Dança affalte a Poezia ;

Tambem fois réo ; mas bem póde  
A Mágia dos passos feus  
Encantar os vossos olhos ,  
Sem fazer chorar os meus.

*Ao Excellentissimo Senhor D. Fernando de  
Lima , sobre o mesmo assumpto.*

### C A R T A .

**F**Orte co' a vossa promessa  
Dura voz se vai alçar ;  
Não vem como das mais vezes ;  
Não vem pedir , vem ralhar ;

Não

Não he de esteril rabugem  
Raiva inutil, que em mim lavra;  
Venho brigar, e vencer-vos,  
Minha arma he vossa palavra;

São Leis os priscos rifões;  
Na mão a Lei me mettestes;  
Sei que a ricos não deveis,  
Mas a pobre promettestes;

Promettestes, que huma Imprensa  
Faria hum faminto farto;  
Meu livro, e as vossas promessas  
Inda estão no vosso Quarto;

Sei que a vossa Illustre Caza  
He das que honrão Portugal;  
Mas eu quero outra melhor,  
Quero a Caza Manescal; \*

Re-

---

\* Administrador da Imprensa Regia.

Reis de Hespanha a vossa honrarão,  
E eu espero o mesmo d'elle;  
Fizerão-vos *Ricos Homens*,  
O mesmo me fará elle;

Vós sois Protector das Artes,  
E dahi meu mal viria;  
Talvez que pela da Dança  
Vos esqueça a da *Poesia*;

Por *Dulcin* esquece tudo;  
Estes grupos tão gabados,  
Não digo que são os vossos,  
Porém são os meus peccados;

As três Graças a fadário,  
Mas seus dons funestos são;  
Tira ás Deozas a maçã,\*  
E a hum triste Poeta o pão;

Sc

---

\* Fazia a figura de Venus na Pantomima, em que se representava a fabula de Paris, julgando-lhe o pomão de ouro, destinado á mais formosa.

Se a vosso Pai vou queixar-me,  
Juro que acceita a querella;  
Juro, que vos quer os olhos  
Antes em mim, do que nella;

Mas, Senhor, deixando graças  
De poetica licença,  
Este brinço quer dizer  
Que apresseis a tal Imprensa;

Até por curiozidade  
Forjai-me este mialheiro;  
Só para vermos que effeito  
Faz em mim o ter dinheiro;

Talvez que altiva luneta  
Nos picos olhos traidores  
Não conheça huns tantos homens,  
Principalmente os Crédores;

Tal-

Talvez que o novel Gallego ,  
Que soltas bragas trazia ,  
Entaipado em pantalonas  
Dê ao Amo senhoria ;

Talvez que inventando heranças  
Bisneto de grão Senhor ,  
A falso espectro agradeça  
O que devo ao Protector ;

Senhor , se o oiro tal póde ;  
Levantai da empreza a mão ;  
Antes réo do meu tendeiro ,  
Do que réo de ingratição

Mas inda agora he que eu vejo  
Quanto me fui desmentindo ;  
Disse que vinha ralhar ,  
Por fim acho-me pedindo ;

**Não**

Não pude acabar a farça ;  
Costume custa a vencer ;  
Comvosco a minha linguagem  
He pedir, e agradecer.

*A Illustrissima , e Excellentissima Senhora  
Dona Catharina Micaella de Souza , ten-  
do o Illustrissimo , e Excellentissimo Senhor  
Luiz Pinto de Souza expedido Aviso pa-  
ra se imprimirem as Obras do Author na  
Officina Regia.*

C A R T A.

**S**enhora , Apollo bem sabe  
Que fois digna companhia  
De quem em doirados annos  
Lhe honrava a doce Poezia ;

In-

Inda de viçozo loiro  
Lhe guarda a verde coroa ;  
Fez-lhe falta em sua Corte,  
Mas a bem de outra o perdoa ;

Manda , pois lhe estais ao lado ,  
Canteis polidos louvores  
A quem em honra ao Parnazo  
Fez versos , e faz favores ;

Vio o prazer generozo  
Com que acabou a tenção ,  
Que crua Parca arrancára  
De outra bemfeitora Mão ; \*

Vio ,

---

\* O Illustrissimo , e Excellentissimo Senhor Marquez de Ponte de Lima , Ministro de Estado , tinha obtido a mercê de se imprimirem estes Versos a beneficio do A. cujo Avizo não chegou a assignar por seu repentino falecimento.

Vio, que apressou seus negócios  
Perante quem todos rege;  
E que amigo do seu Monte,  
Ora o sôbe, ora o protêge;

Grato ao grande beneficio  
Vos envia o estilo, e a lyra;  
Manda-vos cantar-lhe os hymnos,  
Que lhe traça, e vos inspira;

Diz que esta empresa vos toca,  
E que não admite escuzas;  
Que favor feito ao Parnazo  
Hão de agradecerlo as Muzas;

Pulsai a lyra, enfreai  
Bravos ventos rugidores;  
Cantai agradecimentos  
A quem cantastes amores;

Em

Em má honra a longas cans  
Desta empreza escuzo fico ;  
Fechou-me Apollo a sua Arte,  
E quer que aprenda a de rico ;

Dura , enganoza sciencia !  
Incómoda , tumultuaria !  
Muito mais a quem andou  
Sempre na escola contraria ;

Já em focegado fomno  
Não vejo doces ficções ;  
Inda a obra está na Imprensa  
E já sonho com ladrões ;

Sonho , que escalada a porta ,  
Medonhas caras sem dó ,  
Vem furtar a Tolentino  
O que elle furta a *Boileau* ;

Co'

Co' esse metal turbulento  
Já d' antemão me malquistou ;  
Que me não fará a posse,  
Se a esperança já faz isto ?

Sei quem poz a ultima força  
Ao punhal, de que me dão ;  
Mas, em fim, nada de raivas,  
Dizei-lhe que eu lhe perdôo ;

E que he tal nesta virtude  
Meu conforme coração,  
Que não só perdôo o mal,  
Mas beijo por elle a Mão.

*Offe-*

*Offerecendo alguns dos Versos , que vão neste Livro ao Illustrissimo , o Excellentissimo Senhor Marquez de Angejá , Ministro de Estado , perante o qual se pertendeo desabonar a Poezia , e os Poetas.*

ILLMO E EXC.MO SENHOR.

**V**. EXCELLENCIA se digne de não julgar atrevimento ir eu apresentar hum Livro de inuteis Versos naquellas mesmas mãos , em que se apresentão Papeis , que decidem dos interesses do Estado , e dos destinos dos homens. A Poezia , SENHOR , só he odioza a quem nella não he instruido. V. EXCELLENCIA sabe a origem , e os progressos desta Arte divina ; sabe que de seu berço foi consagrada ao uzo da Religião , e da Politica ; que por meio della o homem natural , que nutria vagamente entre fragas , e penedias hum coração

ção tão contrario ao do homem civil, conheceo a humanidade, e tomou sobre seus hombros o jugo da Razão, e da Justiça.

Que os primeiros Legisladores escrevião as Leis em verso, para que a harmonia lhes aplanasse, ou encubrisse aquelles passos escabrozos, que ferem, e revoltão a nossa natureza, sempre amiga da liberdade; que os Filósofos, e Sacerdotes do Egypto ensinavão em Poezia os seus Dogmas; que os bons tempos dos Gregos, modelo dos Seculos de Augusto, e de Luiz XIV., ao mesmo passo que se alargavão os limites do seu Imperio, vtrão levadas á ultima perfeição, de que são capazes as obras dos homens, a Lirica, a Epica, e a Poezia de theatro.

V. EXCELLENCIA sabe, que os Poetas de Augusto, mais do que as Victorias de Farfalia, fizeram chamar-se o seu seculo, o seculo de Ouro: que a passagem do Rheno, e a conquista da Hollanda jazerião no esquecimento, com o nome de Luiz XIV, se Corneille, e os que o seguirão, não mandassem ás extremidades do Mundo a fama de suas Victo-  
ri-

rias; que ainda hoje a França conta, com prazer, entre as acções daquelle Monarca, a protecção, e acolhimento, que acháram ante elle as Artes, principalmente a da Pœzia; e que as ultimas palavras do grande Corneille moribundo, forão agradecimentos ás liberalidades de Luiz XIV.

V. EXCELLENCIA sabe, que a Augusta Theologia da Escritura nos instrue muitas vezes dos Attributos de Deos por imagens inteiramente poeticas; que os Profetas, unindo maravilhosamente o simples ao sublime, fallão da existencia, e da Omnipotencia de Deos, com a locução, e com as figuras da mais alta Pœzia.

Mas, SENHOR, eu insensivelmente vou fazendo de huma Dedicatoria huma Differtação. V. EXCELLENCIA se digno attribuir este erro de methodo á desordem de animo, em que me põe a ingrata sem-razão de ver os Poetas desfavorecidos de alguns homens, talvez sem mais crime, que serem favorecidos das Muzas.

V. EXCELLENCIA, em cuja alma raia a razão illustrada, limpa das sombras do abuzo, não faz cahir sobre o Poeta os de-

defeitos , que são do homem : a inconstancia de genio , o desconcerto das acções , a filozofia mal entendida , que caminha a passo cheio á devassidão de costumes , são os crimes de que o vulgo errado accusa indifferentemente todos os Poetas ; mas se vemos que estas más qualidades brotão no coração de tantos homens , que não são Poetas , para que hão de elles sós levar o ferrete , que a Natureza corrupta põe indistinctamente sobre todos os que não deixão guiar-se da Religião , e da honra ? Sempre houve Poetas , bem , e mal morigerados , assim como o resto dos outros homens : e porque lei barbara ha de pagar a Poezia as fraquezas da humanidade ? Porque falsa Logica havemos inferir , que o commercio das Muzas , a suave lição dos Antigos , em que vemos pintada a Natureza , e explicada docemente a boa filozofia , ha de affogar no coração do Poeta as virtudes , que a indole , ou a educação talvez alli plantarão ?

V. EXCELLENCIA julga mais rectamente ; sabe , que em todos os ramos da vida Christã , e Civil tem havido

Tom. II.

O

Po.

Poetas ; que hum talento não exclue os outros ; que Richilieu fazia Versos , e foi grande Ministro ; que entre os Poetas , como entre todos os mais homens , huns são venturozos , outros desgraçados ; huns chamados aos grandes Empregos , outros inteiramente esquecidos ; que se houve hum Camões , e hum Bernardes , cuja memoria posthuma foi a unica paga do seu merecimento ; tambem houve hum Sá e Menezes levantado a Camareiro Mór dos Senhores Reis D. João o III. , e D. Sebastião ; hum Pedro de Andrade Caminha ; Camareiro Mór do Infante D. Duarte ; hum Garcia de Rezende muito estimado do Senhor D. João o II. ; hum Sá de Miranda feito Commendador pelo Senhor D. João o III. ; e para não fazer hum catalogo quazi infinito , houve o grandê Ferreira , e Gabriel Pereira de Castro , os quaes , cada hum no gosto do seu Seculo , misturando Bartholo , e Accureio com Homero , e com Virgilio , forão tão estimados pelos Versos , que fazião no seu gabinete , como pelas Sentenças que lanção nbs diversos Tribunaes a que forão promovidos. O

O conhecimento da Historia Portugueza , huma das lições , que recreão o espirito de V. EXCELLENCIA , talvez concorra junto com o gosto , que tem pelas Artes , a que , seguindo o exemplo de tantos Reis , se não despreze de ouvir os Poetas : eu sou huma prova viva de que V. EXCELLENCIA os ouve , e os protege : nos tempos da antiga Roma Augusto fazia o mesmo ; nos tempos da moderna , lemos , que Benedicto XIV. não se entergonhou de fazer a apologia aos Versos de hum Poeta Francez com aquella mesma mão , de que pendião as Chaves do Ceo.

Esta justiça , e bom acolhimento , que V. EXCELLENCIA faz á Poezia , foi quem me esforçou a pôr nas respeitaveis mãos de V. EXCELLENCIA hum Livro de Versos ; o terem alguns agradado a V. EXCELLENCIA , faz o seu unico merecimento : hum tal voto fez com que eu julgasse bem delles , e os levantasse á grande honra de serem offerecidos a V. EXCELLENCIA. Não me acovardão alguns assumptos joviaes , que nelles trato ;

V. EXCELLENCIA sabe, que se a Tragedia castiga os costumes pelos grandes affectos da compaixão, e do terror, tambem a Sátyra os castiga pelo meio do riso; e este trabalho de minha penna, com que eu entretinha os meus cançados dias, passará a ser o mais feliz, se tiver a fortuna de divertir alguns instantes a V. EXCELLENCIA, para que com mais força torne depois a metter mão nos importantes Negocios, de que os Reis, prevenindo os dezejos do Público, se dignarão encarregar a V. EXCELLENCIA: isto dezeja, Senhor

DE V. EXCELLENCIA

O Criado mais humilde, e mais venerador.

*Ao*

*Ao mesmo Senhor no dia dos seus  
Annos.*

ILL.<sup>MO</sup> E EXC.<sup>MO</sup> SENHOR.

**O**S louvores nem sempre são filhos da lizonja, nem sempre são a linguagem baixa, em que os infelices fazem o seu commercio com os Poderozos; quando assentão em ~~mercamento~~ mérito sólido, são huma paga devida ás Virtudes; o Ceo as dá; os Reis devem-lhe os premios; os outros homens os louvores.

Hoje, ILL.<sup>MO</sup> E EXC.<sup>MO</sup> SENHOR, nos apontão os Fastos de Portugal o feliz Nascimento de V. EXCELLENCIA; o costume consagra com Elogios estes dias solemnes; a Patria recompensa assim os Annos, que a ella se derão; e se em hum dia destinado aos obsequios, eu fosse hum méro espectador, hum assistente ociozo,

o

o silencio, tantas vezes virtude, seria agora hũm crime, seria huma prova da minha ingratiidão.

A força do agradecimento, e a abundancia da materia me porião na boca huma torrente de louvores; mas V. EXCELLENCIA põe tanto cuidado em mercellos, como em não querer ouvillos; temo a sua modestia; e huma virtude de V. EXCELLENCIA me não deixa fallar-lhe nas outras; porém ao menos seja-me permittido, que a minha alma se encha de complacencia, lembrando-se de que tres Reis elogiárão a V. EXCELLENCIA, chamando-o a grandes coizas; não quizerão que estes talentos jazessem debaixo da terra; sobre clla, e sobre os mares os fizerão luzir.

Na flor dos annos, quando as paixões, os exemplos, a natureza abrem guerra viva ao coração do homem, então vio a sevéra Magestade do Senhor Rei D. João o V., que V. EXCELLENCIA tão moço nos annos, era já ancião no conselho, e nos costumes, queria o seu voto nos Tribunaes, e o seu braço nas Armadas:

das: negros ventos , marcs cavados ; ferro , sangue , erão os leitos brandos , em que V. EXCELLENCIA hia descansar das honrozias fadigas da terra.

Que direi do Augusto , Piedozo , e ainda de fresco banhado das nossas lagrimas , o Senhor Rei D. Jozé o I. ? O merecimento , junto com a semelhança dos genios , e de idades , puzerão sempre a V. EXCELLENCIA ao lado daquelle Monarca ; mandou-lhe que accedisse novos , e importantes Empregos ; recebeu mil provas do seu poder , e da sua familiaridade , e entre ellas aquella , que V. EXCELLENCIA não disse , mas que todos sabem ; aquella de que V. EXCELLENCIA nunca poderá lembrar-se sem dôr , e sem gloria.

Os Benignos , e Amaveis Soberanos , que vemos sobre o Throno , puzerão o Sello na Obra , que seus Augustos Predecessores tinhão começado ; encarregarão a V. EXCELLENCIA dos mais importantes Negocios do Estado : a madureza nos conselhos , o severo espirito de inteireza , os Reis , a Lei , a utilidade pública , são

OS

os objectos , que virão sempre na frente dos cuidados de V. EXCELLENCIA.

Mas, SENHOR , eu vou abuzando da bondade, com que V. EXCELLENCIA se digna ouvir-me : eu converto a minha falla ao Throno do Todo-poderozo , que tem na sua mão as vidas , e os successos dos homens ; alli peço ardentemente, que dilate , que prospere tão bem cultivados annos ; que conserve em V. EXCELLENCIA o bom Pai , o Vassallo zelozo , o grande Ministro.

Vós, Illustres Mortos , antigos Instituidores da Caza de Angeja , que trouxestes no peito o Sangue de dois Reis, não peçais conta d'elle ; descançai em paz nos frios moimentos, cheios de Victorias, cheios de Serviços, que pagarão Deos, e os Reis por quem se fizerão. O vosso Herdeiro he digno de Vós ; caminha sobre as vossas pizadas ; herdou os vossos Titulos , e as vossas Virtudes.

E Vós, Moços Illustres, seus dignos Filhos, cujos costumes , frutos do exemplo , são alto elogio da mão , que vos educa , já os Reis vos chamão ; querem  
nos

nos Filhos perpetuar o Pai. Os largos , e felices annos , que o Ceo lhe concederá de vida , serão a vossa escola. Servi os Reis , e a Patria ; sacrificai-lhe os vossos annos , e as vossas fadigas ; sede affaveis , justos , inteiros ; sede como elle.

F I M.

IN-

# INDICE

Do que contém este II. Tomo.

## QUINTILHAS.

<i>A</i> o Excellentissimo Senhor Conde de S. Lourenço - - - - -	Pag.	3.
<i>A</i> o Excellentissimo Senhor Marquez de Lavradio - - - - -		12.

## QUARTETOS.

<i>A</i> Excellentiſſima Senhora Condeça de Tarouca - - - - -		20.
No dia dos Annos da Excellentiſſima Senhora D. Maria de Noronha - - - - -		29.
<i>A</i> Excellentiſſima Senhora Marqueza de Alegrete , nascendo-lhe huma Filha - - - - -		33.
Na occasião em que o <i>A.</i> hia ver o Varatojo - - - - -		41.
Resposta a huma Carta , que em boa		

<i>boa Poezia citava ao A. por huns Versos, que tinba promettido</i>	44.
<i>Offerecendo hum Perum em huma casa, aonde todos os Domingos davão ao A. este prato</i>	47.
<i>A huma Preta, que pertendia que a obzequiassem</i>	52.

## C A R T A S.

<i>A hum Amigo, louvando-lhe o estado de cazado</i>	63.
<i>Ao Excellentissimo Senbor Conde de Villa Verde D. Jozé de Noronha, hoje Marquez de Angeja</i>	69.
<i>Ao mesmo Senbor, no dia dos seus Annos, estando o A. doente</i>	80.
<i>Tendo mandado huma Senbora ao A. Vinho da Madeira com huma Carta em boa Poezia</i>	88.
<i>Desculpando-se o A. de não ir a huns Annos</i>	91.
<i>Aconselhando a hum Cabelleireiro, que não continuasse a fazer versos</i>	96.
<i>Pedindo-se ao A. huma Gloza</i>	107.
<i>Agradecendo o A. alguns pratos, que</i>	

<i>que lhe despertarão a vontade de comer</i> - - - - -	111.
<i>Sobre o mesmo Assumpto</i> - - -	114.
<i>Ao Senhor Dezembargador Sebas- tião Antonio Sobral</i> - - - -	117.
<i>A hum Senhora, que em bons Ver- sos pedio ao A. a Sátyra do Velho</i>	124.
<i>Ao Senhor Deputado Domingos Pi- res Monteiro Bandeira</i> - - -	129.
<i>A hum Camarisia</i> - - -	138. e 142.

## D E C I M A S.

<i>A Excellentissima Senhora D. Ca- tharina Micaella de Souza, ten- do feito a honra ao A. de lhe of- ferecer hum Vestia de Setim</i> -	146.
<i>Ao Excellentissimo Senhor Conde de Villa Verde, hoje Marquez de Angeja</i> - - - - -	147.
<i>No dia dos Annos do mesmo Senhor</i>	149.
<i>Sabindo por sortes Compadre de hu- ma Senhora da primeira Gran- deza</i> - - - - -	150.
<i>Fazendo Annos o Excellentissimo Se- nhor Marquez de Angeja</i> - -	151.
<i>Ao</i>	

<i>Ao mesmo Senhor</i> - - - - -	152.
<i>Ao mesmo Senhor</i> - - - - -	154.
<i>Ao mesmo Senhor</i> - - - - -	155.
<i>Ao Excellentissimo Senhor Marquez de Marialva</i> - - - - -	156.
<i>No dia dos Annos de hum Menino</i>	157.
<i>Na despedida de hum Ministro, que partia levando seus filhos</i> - -	Ibid.
<i>A hum Fidalgo, que pedia para o A. hum lugar na Secretaria, na occazião em que elle pertendia o seu proprio despacho</i> - - - -	159.
<i>A hum Padre, que dizia ter sido Mestre de Rhetorica, e estava eleito Cardeal</i> - - - - -	161.
<i>Mote: Hum suspiro de repente</i> -	171.
<i>Mandando huma gallinha a huma Pretinha bonita</i> - - - - -	174.
<i>Cantigas feitas nas Caldas</i> - -	175.
<i>A hum Leigo, que era vesgo</i> - -	178.
<i>Estando o A. doente, e mandando pedir algum prato á meza, on- de jantava o sobredito Leigo</i> -	182.
<i>Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Ponte de Li- ma, Ministro de Estado, pedin- do-</i>	

do-lhe o A. licença para ir ao remedio de banhos - - - -	184.
Ao Excellentissimo Senhor D. Lou- renço de Lima - - - - -	188.
Ao Illustrissimo , e Excellentissimo Senhor Conde dos Arcos , sobre o mesmo assumpto - - - - -	195.
Ao Excellentissimo Senhor D. Fer- nando de Lima - - - - -	196.
A Illustrissima , e Excellentissima Senhora Dona Catharina Micael- la de Souza , tendo o Illustrissi- mo, e Excellentissimo Senhor Luiz Pinto de Souza expedido Avizo para-se imprimirem as Obras do A. na Officina Regia - -	201.

## P R O Z A S.

Ao Excellentissimo Senhor Marquez de Angeja , offerecendo alguns dos Versos , que vão neste Livro	206.
Ao mesmo Senhor no dia dos seus Annos - - - - -	213.

## ERRATAS DO II. TOMO.

A folhas 29, terccira Quadra, segundo verso, deve ler-se = Assaltado =

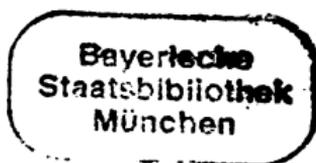
A folhas 42, quarta Quadra, quarto verso, deve ler-se = pragas =

A folhas 105, primeira Quadra, quarto verso, deve ler-se como ponto sem interrogação.

A folhas 122, primeira Quadra, terceiro verso, deve ler-se = nos deixa =

A folhas 163, segunda Decima, primeiro verso, deve ler-se = queira arguir =

A folhas 186, terceira Quadra, terceiro verso, deve ler-se = off-rece =



# THE HISTORY OF THE

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..







